

2018

Prêmio Funarte de Dramaturgia

Centro de Artes Cênicas –
Ceacen/Funarte

Infância e Juventude

Presidente da República

Jair Bolsonaro

Ministro da Cidadania

Osmar Terra

Secretário Especial da Cultura

Ricardo Braga

Fundação Nacional de Artes – FUNARTE

Presidente

Miguel Proença

Diretor Executivo

Leônidas José de Oliveira

Diretor do Centro de Artes Cênicas

Roberto Alvim

Coordenadora de Teatro

Renata Januzzi

Diretora do Centro de Programas Integrados

Maristela Rangel

Gerente de Edições

José Maurício Moreira

2018

Prêmio Funarte de Dramaturgia

Centro de Artes Cênicas –
Ceacen/Funarte

Infância e Juventude

Equipe de Edições

Carlos Eduardo Drummond

Gilmar Mirandola

Karla Xavier

Jaqueline Lavor Ronca

Preparação de Originais

Tikinet | Caique Zen

Tikinet | Hamilton Fernandes

Revisão

Tikinet | Tulio Kawata

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Tikinet | Natalia Bae

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**Funarte /Coordenação de Documentação e Pesquisa**

Prêmio Funarte de Dramaturgia : infância e juventude /
Renata Januzzi (Org.). – Rio de Janeiro : FUNARTE,
2019.

122 p.; 28 cm

ISBN 978-85-7507-210-3

1. Teatro infantojuvenil brasileiro. I. Januzzi, Renata.

CDD 792.0226

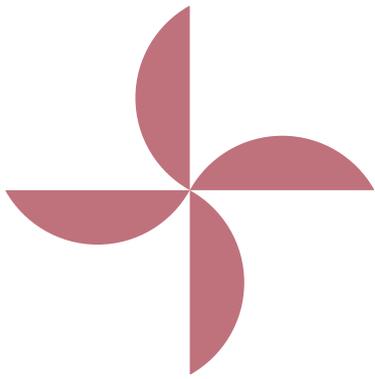
Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes – Funarte

Av. Presidente Vargas, 3.131 – Cidade Nova – CEP: 20210-911 | Rio de Janeiro – RJ

Tel. (21) 2279-8071 | livraria@funarte.gov.br – www.funarte.gov.br



APRESENTAÇÃO

Prêmio Funarte de Dramaturgia 2018

A Funarte, por meio do Centro de Artes Cênicas e da Coordenação de Teatro, lançou, no dia 19 de abril de 2018, o Prêmio Funarte de Dramaturgia 2018, com o objetivo de incentivar a literatura dramática e apoiar o surgimento de novos dramaturgos, consagrados ou não, através da premiação de dez textos inéditos, que apresentassem elementos representativos de uma estética teatral contemporânea, na qual se destacaram a diversidade das linguagens artísticas, da cultura brasileira e de modos de criação diferenciados.

A excelente receptividade ao Prêmio Funarte de Dramaturgia 2018 demonstra que muitos autores aguardavam por essa significativa oportunidade para apresentar os seus textos, bem como ressalta a importância do fomento à criação de textos dramáticos de autores brasileiros.

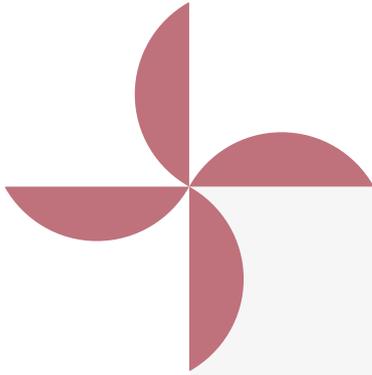
O concurso contemplou dez textos inéditos nas seguintes categorias: cinco de Teatro Adulto e cinco de Teatro para a Infância e Juventude, premiando um texto por categoria nas cinco regiões do país.

Após um vasto processo de leitura, discussão e análise dos 405 textos habilitados, os jurados selecionaram os cinco textos de Teatro Adulto e os cinco de Teatro para Infância e Juventude que compõem essa publicação, observando os seguintes critérios: estrutura do texto; tema e linguagem; originalidade; potencial de montagem e clareza do tema abordado.

Com essa valiosa publicação, a Funarte entrega aos vencedores e à comunidade cultural a segunda parte do prêmio (reservando o direito patrimonial dos autores quanto a montagens e divulgações dos textos), que consiste na divulgação das obras contempladas, reforçando a certeza de que, com a publicação dos textos vencedores do Prêmio Funarte de Dramaturgia 2018, a cena artística brasileira ficará mais fortalecida e diversificada.

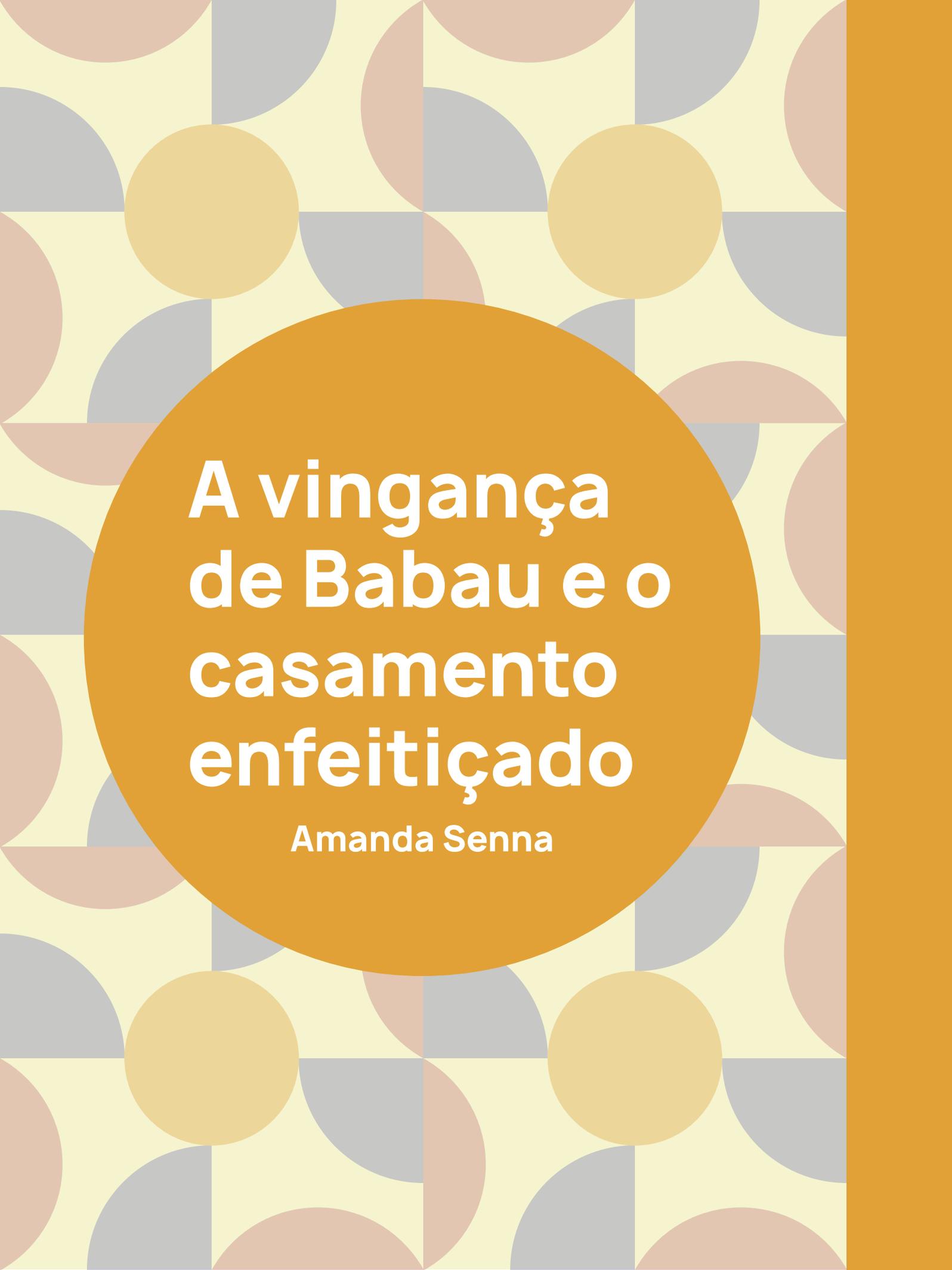
Importante ressaltar que a Funarte alcançou plenamente os objetivos do edital, assim como contribuiu, sobremaneira, para a democratização e descentralização do fazer artístico no Brasil, uma vez que contemplou textos dramáticos inéditos, nas categorias Teatro Adulto e Teatro para a Infância e Juventude, que representam diferentes realidades culturais de um Brasil plural.

Renata Januzzi
Coordenadora de Teatro



SUMÁRIO

- 9 A vingança de Babau e o casamento enfeitado
Amanda Senna
- 29 Os Fantasmas
Gabriela Gonçalves
- 59 Pedro
Adailton Alves Teixeira
- 77 Bumba, o boi que sabia falar
Danilo Stael
- 99 os números e a vida
Fernando Kinas



A vingança de Babau e o casamento enfeitado

Amanda Senna

SITUAÇÃO

Um casamento matuto.

CENÁRIO

É imprescindível uma estrutura que possa se transformar em tenda para teatro de mamulengo, pois, nesta história, boneco e gente dialogam.

Cada personagem tem o seu respectivo boneco, em versão mamulengo, igual ao ator que o representa. Exceto o Babau, que só aparece como boneco.

Para a cenografia de bonecos, são necessários: a casinha que representa a bodega da Dona Joana; uma garrafa para cachaça; uma pistolinha de água e um porrete de madeira.

PERSONAGENS

NOIVO BENEDITO

Ator e boneco.

NOIVA ROSINHA

Atriz e boneca.

PREFEITO

Pai de Rosinha. Ator e boneco.

PRIMEIRA-DAMA

Mãe de Rosinha. Atriz e boneca.

DELEGADO

Ator e boneco.

DONA JOANA

Dona da bodega. Atriz e boneca.

BÊBADO ZÉ DA PINGA

Ator e boneco.

PADRE

Ator e boneco.

BABAU

Manipulador e boneco.

Entra o Padre e se posiciona no centro do cenário. O Prefeito e a Primeira-Dama entram pelo lado direito e se posicionam ao lado esquerdo do palco. A Dona Joana e o bêbado entram pelo lado esquerdo, cruzam com o Prefeito e a Primeira-Dama e ficam do lado direito do palco. Ficam conversando e se arrumando até que o Padre diz:

PADRE Ordem! Ordem no recinto!
Vamos logo com esse intento,
Que tenho três batizados,
Esse e mais dois casamento;
E ainda tenho um defunto
Pr'alma encomendar sem tormento!

ZÉ DA PINGA Seu Padre, me diga uma coisa...
Essa festa virou lenda?
Cadê as comidas e bebidas?
Traz um litro de cana da venda!

DONA JOANA Do meu estabelecimento
Tu não leva condimento
Nem sequer por encomenda!

PRIMEIRA-DAMA Meu povo! Aquieta tudo,
Que a noiva acabou de chegar.

Toca a marcha nupcial, a noiva entra e se posiciona à frente do Padre e fica procurando o noivo.

PADRE Mas e o noivo? Cadê?
Ele não vai se casar?

ZÉ DA PINGA Mas tava aqui nesse instante!
Num é que conseguiu escapar?!
(em burburinho)
Tu num visse ele não? Ele passou por aí?

O Prefeito chega do lado da filha e diz:

PREFEITO Um casamento sem noivo?
Só sendo da filha de outro,
Que filha minha se casa,
Nem que seja com um ogro,

Mas não fica numa porta
De igreja dando sopro.

A noiva, muito nervosa, diz:

ROSINHA Ai, meu padim Pade Ciço!
Que vexame, que aflição!
Meu pai, toma uma atitude!
Manda buscar esse fujão,
Que eu tô quase tendo um troço,
Um piti... Ai, meu coração!

*A noiva desmaia no colo da mãe. A Primeira-Dama diz,
abanando a filha:*

PRIMEIRA-DAMA Calma, filhinha querida,
Que prevenido é o teu pai,
E já tinha acertado um acordo
Com o delegado, que vai
Trazer o teu noivo fujão
E agora esse casamento sai!

*Em vez de o Delegado trazer o noivo, chega o noivo trazendo
o Delegado. Os dois chegam rindo como bons camaradas...
O noivo vê a situação e diz:*

BENEDITO Fiquem calmos que eu cheguei...
Que agonia danada é essa?
Num sou homem de fugir não,
Mas num tô com muita pressa.
E se ocês me permitirem,
Ano que vem nós conversa.

*O noivo tenta sair de fininho, mas o Prefeito o puxa pelo
colarinho e diz:*

PREFEITO A permissão tá negada!
E não queira me enrolar!
Tá faltando muito pouco
Pro teu bucho eu furar.
(ameaça o noivo com uma faca...)

A noiva toma a faca do pai, enfia uma uva no boca do pai e diz:

ROSINHA Ai, meu pai... Chupa uma uva
Que não quero ser viúva
Antes mesmo de casar!

O noivo se arruma e diz:

BENEDITO Muita calma, pessoal!
Tava indo me arrumar
Pra ficar mais cheirosinho
E com Rosinha casar.
Tomei uma última coragem.
(faz gesto de que tomou cachaça)
Tô pronto pra me lascar!

ROSINHA Pronto pra quê, Benedito?

BENEDITO Pra casar... Meu amorzinho!
Cê não sabe que eu te amo?
Venha cá fazer um carinho
No seu nego tão dengoso
Que num quer viver sozinho.

Delegado interrompe mudando de lado do palco, dizendo:

DELEGADO Então, bem! O noivo eu trouxe...
Só num sei se vai ser fiel.

A dona da bodega vem se derretendo para o noivo e diz:

DONA JOANA Esse só vai tomar jeito
Quando estiver lá no céu.

A noiva puxa o noivo; o bêbado puxa a dona da bodega e diz:

ZÉ DA PINGA Pr'esse aí viver de amor,
Só sendo dono de motel.

A noiva, irritada, diz:

ROSINHA Fiquem quietos, seus invejosos!
Vão agourar outro casamento!

O noivo tenta acalmar a noiva e diz:

BENEDITO Não se aperreie, minha Rosinha.
É só não dar cabimento!
A gente aprende a lidar
Com esse povo ciumento.

O Padre interrompe, apressado:

PADRE Bem, isso já não é comigo.
Aqui o meu papel é casar.
Agora que vocês chegaram,
Num vou mais nem perguntar,
Que se fosse pra desistir,
Tinham tratado de nem chegar.

Vou pular logo pro fim,
Que já estou muito atrasado.
Tem alguém que ainda quer
Intervir nesse noivado?

PRIMEIRA-DAMA Tem não, seu padre... prossiga!
Declare-os logo casados!

PADRE Pois então, declaro hoje
Que vocês estão casados.
Marido e mulher, então
Ficam os dois declarados.

PREFEITO E agora é só festejar!

PRIMEIRA-DAMA Viva os noivos, tão amados!

TODOS Viva!!!

Começa a tocar um forrozinho e todos começam a dançar. A festa se anima.

O Babau (boneco) aparece atrás da tenda, tiririca da vida por estar fora da festa.

BABAU Viva... Viva... Cês vão ver!
Me deixaram fora da festa,
Só porque eu sou boneco.
Vou mostrar aqui quem não presta!

Desta noite não me escapam!
Vou pregar-lhes uma peça.

Ouçam todos com atenção.
(fala normal, mas ninguém escuta)
Ouçam todos com atenção!
(fala mais alto, mas ainda ninguém escuta)
Ouçam todos com atenção!!!
(grita muito alto; todos se assustam e se aglomeram na lateral oposta do palco)
O que tenho pra contar
Esta noite, uma presepada,
Já tá prestes a se mostrar!
Eu, boneco. Vocês, gente.
Isso logo vai mudar!

O Benedito vai à frente enfrentar o Babau:

BENEDITO Bicho feio, sai daqui,
Que tu num foi convidado!
De troço ruim, basta sogra,
Que tem que ser aturado.

A noiva puxa o noivo e diz:

ROSINHA Benedito, não fale assim.
É minha mãe, meu amado.

BABAU Calem a boca, abestados!
Deixem de enrolação.
Desta vez, cês não escapam.
Lanço-lhes uma maldição:
Té que a morte pra mim chegue,
Bonecos cês ficarão!

*A mágica acontece.
A tenda se fecha, todos entram nela, e todo mundo se transforma em boneco.*

BABAU Há, há, há, há, há, há, há!
Finalmente eu consegui!
Agora tão tudo boneco,

Do jeitinho que eu pretendi.
Cês tão preso aqui para sempre!
Até quando me destruir.

*O Babau sai de cena, e todos permanecem.
A noiva fala chorando.*

ROSINHA Benedito, como tu ficou feio!
Ô boneco mal desenhado!

BENEDITO Chora não, minha Rosinha,
Que ainda sou afeiçoado.
Mas tu virando boneca assim,
Num tem plástica que dê resultado.

Mas se esse peste tá pensando
Que acabou com a minha festa,
Esse gostinho ele não vai ter.
E vai ver quem mais não presta.
Toca aí um forrozinho,
Uma música que ele detesta!

*Começa a música a tocar e todos a dançar... O noivo com a noiva,
o Prefeito com a Primeira-Dama. O Padre sai de cena, como se
não percebesse o que aconteceu (o Padre é muito desligado). Ficam
o Delegado e o bêbado tentando dançar com a dona da bodega.*

ROSINHA Ai... Já cansei dessa brincadeira.
Num quero mais ser boneca não.
Ô, meu pai, dá um jeito nisso!
Benedito, pensa numa solução!
Delegado, bota moral, homem!
Deem um jeito nessa situação!

ZÉ DA PINGA Ai, minha gente, cadê
As autoridades desse lugar?
O povo que a gente elege
Pra todos representar,
Pra resolver os problemas...
Prefeito, é de tu que tô a falar!

PREFEITO Esse assunto eu resolvo logo
Acionando a autoridade

Quem de fato é responsável
Pela segurança da cidade.
Seu delegado, venha logo!
Dê um jeito nesse covarde!

DELEGADO Deixe comigo, seu prefeito.
Que vou logo resolver.
Num sei bem direito como,
Mas logo vocês vão ver.
Vou matar essa coisa ruim
E um herói eu hei de ser!

PREFEITO Pois vá logo, seu delegado,
Que o tempo tá passando.
Boa sorte pra você.
Logo, logo eu tô voltando,
E já quero encontrar
O cão você enterrando.

*Sai todo mundo... Fica somente o Delegado, com medo,
tremendo-se todo.*

DELEGADO Ai... Onde eu fui me meter?
Enfrentar o cramunhão.
Num sei nem onde encontrar!
Vou buscar o meu facão.

O Delegado sai e volta com o facão.

DELEGADO Agora é só chamar ele,
Que tô pronto pra confusão.

Venha cá, seu coisa ruim!!!
Se aproxime! Chegue cá!
Venha ver um negócio aqui.
Tenho um presentim pra te dar.

Delegado fala fazendo segredo pra plateia:

DELEGADO Mas o que ele não sabe
É que seu bucho vou furar...

O Delegado fica chamando o Babau e sai para procurá-lo. Antes de sair, ele combina com a plateia para chamá-lo, se o Babau aparecer. Ele sai, e o Babau entra. A plateia fica chamando o Delegado, mas quando ele chega, o Babau sai. Isso acontece algumas vezes, até que o Babau fica atrás do Delegado. O público alerta o Delegado, mas no início ele não vê. Depois, o Delegado se vira e encontra o Babau, tenta furá-lo com o facão, mas o Babau toma o facão dele e o quebra. O Delegado sai correndo, dizendo:

DELEGADO Deixe estar, que vou me armar!
Logo volto pra te pegar!

O Delegado volta com um porrete enorme.

DELEGADO Agora ele não me escapa.
Esse pau é de lascar.
É duro que só a peste.
Quero ver ele quebrar!

Ô, seu Babau, venha cá,
Que agora eu quero ver
Se teu coró vai aguentar
O tanto que vou bater!
Eu quero é ver se agora
Cê não vai se arrepender.

O Babau aparece e a briga começa. Ele fica se esquivando das cacetadas do Delegado. Depois toma o pau e bate no Delegado, que sai correndo.

DELEGADO Ai, ai... Me lasquei de novo.
Cês tão pensando que é moleza?
Acabei de ter uma ideia!
Vocês vão ver que beleza.
Dessa vez ele não me escapa.
Quero ver quem tem brabeza!

O Delegado volta com uma pistolinha de água.

DELEGADO Seu Babau, venha cá!
Apareça, afinal!
Que se isso não der jeito,

Eu mando tocar o sinal,
E desisto dessa briga
Pra não acabar me dando mal!

O Babau aparece e fica tirando onda com o Delegado. O Delegado atira nele, mas o Babau não morre. Fica intacto. O Babau pega a pistola e joga longe. O Delegado sai de cena dizendo:

DELEGADO Desisto! Desisto! Me dei mal... Ai, ai, ai...

BABAU Esse povo tá achando
Que é fácil me matar.
Mas, pra isso, só tem um jeito,
E não dá pra improvisar.
Mas não podem descobrir,
Senão eu é que vou me lascar.

O Babau sai de cena. Entra o Delegado chamando o Prefeito. O Prefeito, a Primeira-Dama e Rosinha entram em cena e o Delegado fala:

DELEGADO Seu Prefeito, eu desisto!
Não dou jeito nesse cão.
Tô aqui pra prender gente,
Não me dou com assombração.
Chama o Padre, que é quem resolve
Essas coisas com o cramunhão!
Coisa de espírito, Babau, capeta,
Só ele é que dá solução.

*O Delegado sai de cena todo desconjuntado.
O Prefeito chama o Padre:*

PREFEITO Ô, seu Padre, venha cá,
Pra me trazer a solução!

PRIMEIRA-DAMA O Senhor é a nossa esperança
Pra nos trazer salvação!

PREFEITO Arrume logo algum jeito
De acabar com essa maldição.

O Padre entra em cena, todo desorientado, sem nem ter percebido a situação.

PADRE O que está acontecendo?
Quem foi que mandou me chamar?
Tô me achando meio estranho,
Alguém pode explicar?
O que querem que eu faça
Pra esse furdunço acalmar?

ROSINHA Seu Padre, preste atenção
No estado que a gente se encontra!

PADRE Mas num é o Rio Grande do Sul?

Pode variar conforme o lugar onde estiver sendo apresentado o teatro.

PADRE Disso aí já me dei de conta.
Sendo só isso, vou embora,
E vocês segura as ponta.

PREFEITO Seu Padre, a gente é boneco!
O senhor ainda não percebeu?
Olhe pra sua pessoa
Pra vê o que aconteceu!

A dona da bodega entra em cena e diz:

DONA JOANA Precisa fazer alguma coisa.
Nos socorre, pelo amor de Deus!

Dona Joana sai de cena. O Padre começa a se dar conta.

PADRE Bem que achei ter visto o Satanás
Em sua completa forma e feiura!

O Padre vai pra perto da Primeira-Dama, confundindo ela com o cramunhão, e começa a exorcizar, dizendo:

PADRE Sangue de Cristo tem poder!
Volta pro teu lugar, criatura!

A Primeira-Dama, ofendidíssima, dá um empurrão no Padre e diz:

PRIMEIRA-DAMA Cê tá doido, seu Padre?

PREFEITO Fala assim, na cara dura?

PRIMEIRA-DAMA Marido, ele me chamou de feia?
Foi isso mesmo que eu ouvi?
Não tente me enrolar!
Foi isso mesmo que eu entendi!

PREFEITO Ai, que isso vai me custar uma fortuna!

PRIMEIRA-DAMA Mais caro custa pra mim...
Pois eu quero é que esse padre,
Que não vale um vintém,
Seja logo excomungado,
Que esse não ajuda ninguém.

PREFEITO Ô, mulher, num fale assim,
Senão sobra pra mim também.

Os três saem de cena, e entra o bêbado:

ZÉ DA PINGA Eu tô vendo que aqui
Não tem é ninguém que pensa,
Pois tive uma ideia bem boa.
Agora a minha cachaça compensa.
Vou tomar uma com o Babau,
Mas quero uma recompensa.

Benedito entra na cena, como quem não quer nada.

ZÉ DA PINGA Benedito, venha cá!
Uma ideia eu tive agora.
Sei de uma mistura braba
Que quem bebe, morre na hora.
Uma vez cruzei com ela,
Por pouco não vou mimbora.

(Benedito e o bêbado vão andando e conversando...)

Misturando uma tal cachaça
Com um leite de jumenta,
Eu fiz para experimentar,
Mas vi que a bicha é tormental!
Até eu que sou do ramo
Digo que ninguém aguenta.

Só toquei a ponta da língua
E quase fui dessa pra mió.
Vi meu padim Pade Ciço.
Dei a mão, mas meu suó
Fez com que eu escorregasse.
A ressaca foi a pior!

BENEDITO Sei que cê tem boa vontade
E tá tentando ajudar.
Sua ideia até que é boa,
Mas tenho que te informar
Que, sendo assim, desse jeito,
Acho que não vai funcionar.

Benedito passa a perna no bêbado, roubando sua ideia.

Mas num é que ocê acaba
De me dar uma ideia da boa!
Que tal a gente misturar
A cachaça de leoa
Com o leite da jumenta?
Isso mata qualquer pessoa!

O bêbado nem se dá conta.

ZÉ DA PINGA Tu é mesmo inteligente!
Cabra sabido da peste!

Benedito bancando o modesto:

BENEDITO A gente faz o que pode.
Vamos torcer que isso preste!
Bora logo na bodega
Preparar. Fazer o teste.

Saem o Benedito e o Zé da Pinga ainda conversando. Aparece a barraca da bodega, com a Dona Joana. Depois chegam os dois ainda conversando.

BENEDITO Boa tarde, Dona Joana.

DONA JOANA Boa tarde, Benedito.
Que é que te traz aqui?

BENEDITO Viemos fazer um pedido
Pra um plano que a gente teve
Pra acabar com o maldito.

DONA JOANA Diga aí o que precisa
Que eu tô mesmo apressada.
Quero logo virar gente,
Que já tô agoniada!

(dirigindo-se ao público)
Olha só a clientela
Que tá sendo desperdiçada.

Nunca vi foi tanta gente
Andando por esses lados.
E agora que chegaram,
Tô eu aqui nesse estado!
Boneco não vende pra gente...
Ô dinheiro desperdiçado!

BENEDITO Entendo bem o que se passa.
Tá difícil pra todo mundo.

DONA JOANA Diga aí o que precisam
Pra vencer o moribundo.

BENEDITO Quero a pinga de leoa,
Que o bagulho é bem profundo.

Dona Joana pega a pinga e coloca no balcão.

BENEDITO Zé da Pinga, bota aqui
O teu leite de jumenta.

Agora mistura com essa pinga.
Coloca também pimenta.

ZÉ DA PINGA Afe! Essa mistura daqui,
Nem o diabo aguenta!

Entra o Babau, furioso com o desafio!

BABAU Quero ver o que eu não aguento
Quem ousa me desafiar?

O bêbado começa a se tremer.

ZÉ DA PINGA Ai, meu Deus, mas e agora?
Onde é que eu fui me enfiar?
Fui dar uma de corajoso
Mas tô a ponto de me mijar!

O bêbado sai correndo de medo.

BENEDITO Olha aqui a belezura
Que acabamos de preparar.
Uma bebida caprichada
Pra cabra macho tomar.
E se tu é mesmo isso tudo,
Sei que não há de hesitar!

O Babau bebe tudo e diz:

BABAU Eita, garapa bem boa
Que botaram p'reu tomar!
Tô gostando desse povo
Que num sabe me matar.
Se continuarem assim,
Desse jeito eu vou gostar.

BENEDITO Muito bem, seu cramunhão,
Tô vendo que és valente.
Vou ali contar pro povo,
Pro senhor ficar contente,

(em segredo, para o público)
E pra dar tempo d'eu pensar
Noutra solução pra gente.

Saem de cena o Benedito e a Dona Joana.

BABAU Esse povo tá pensando
Que é fácil me matar.
Mas pra isso só tem um jeito,
E eu vou aqui confessar.
Mas não deixem que descubram,
Senão eu vou é me lascar.

Eu só morro de um jeito.
O difícil é descobrir!
A forma até que é simples.
Quem descobre, até sorri,
Pois é um grande enigma, que junto
Com a solução tem que vir.

Eu só morro se separam
O meu corpo da minha alma.
Guardem bem esse segredo,
Senão perco minha calma.
Agora vou tirar um cochilo,
Que essa pinga me acalma.

O diabo sai de cena. Entra o Benedito.

BENEDITO Ô, meu povo! Eu ouvi
O diabo aqui contar
Uma coisa, eu não entendi,
Alguém pode me explicar?

(atiça o público a falar e dialoga em versos livres)
É o quê, meu povo?
O que vocês tão me dizendo?
Corpo da alma?
Isso aí eu não entendo...
Mas eu vou pensar com calma,
Para ver se compreendo.

(fica andando de um lado para o outro, pensativo, falando)
Corpo da alma... corpo da alma... separar o corpo da alma...
Como é que eu vou fazer isso? Ai, ai, ai...

(Benedito de repente tem uma ideia...)
AAAAAAgora entendi foi tudo!
E já sei o que vou fazer.
Vou dar um jeito nesse chifrudo.
Agora ele vai morrer!
Minha Rosinha, venha cá,
Que um plano acabo de ter.

ROSINHA Ô, meu nego, me chamou?
É chamego que tu quer?

BENEDITO Ô, mulher, mas deixa disso!
Venha cá, de boa fé,
Que boneco não tem graça.
Tô doído é pra te ter mulher.

Mas num vem desconcentrar,
Que é pra eu não esquecer
A ideia que eu tive agora.
Vamos logo aqui fazer
Uma festa pro Babau,
Que agora ele vai ver!

ROSINHA Festa para o cramunhão?
Mas aquilo não merece
Nem um pedaço de pão!
O que é que aqui sucede?

BENEDITO Mulher, faça o que eu mando!
Atenda logo a minha prece.

Reúna logo toda gente.
Vamos logo começar.
Junta comida e bebida,
Bota música pra eu dançar.
Só não pode esquecer
De o Babau convidar.
Que essa noite, com certeza,
O chifrudo eu vou matar.

Todo mundo chega pra festa...

BENEDITO Vamos logo combinar
O que a gente tem que fazer.
Chega junto, pessoal.
Escuta o que eu tenho a dizer.

Fazem uma roda e o Benedito explica o plano. Fazem mistério para o público por alguns instantes.

PRIMEIRA-DAMA Cabra sabido da peste!!!
Desse jeito ele vai morrer!

BENEDITO A gente faz o que pode.
Vamos tratar de disfarçar,
Que pra tudo aqui dar certo,
Ele não pode desconfiar.

ROSINHA Pois, então, tu chegue logo,
Se aproxiegue pra dançar.

Ficam dançando... O diabo chega.

BABAU Olha eu aqui chegando
Pra festa que fui convidado!

PREFEITO Resolvemos aceitar
O destino que nos foi traçado.

BENEDITO Digam VIVA pro Babau!
E vamos pegar esse desgraçado!!!

Todos agarram o Babau e o puxam da mão do manipulador. Benedito deixa o boneco pendurado na tenda, e a mão do manipulador fica se mexendo descoberta, até parar e descer. Os demais personagens saem, um de cada vez, da tenda; cada ator com o seu boneco na mão, falando na sequência:

BABAU A mágica que aqui foi feita
Aconteceu pra retratar

PADRE A ligação do bonequeiro
Com o boneco que vai brincar,

ROSINHA Pois, pra brincadeira acontecer,
A vida dele, ele tem que emprestar.

BENEDITO Quando alguém vai começar
A com o mamulengo brincar,

PRIMEIRA-DAMA Naturalmente acontece
Muita coisa a transformar:

PREFEITO A pessoa e o boneco
Uma só coisa vão virar!

DONA JOANA Nesse instante, ele é o boneco,
Pois seu sangue corre nele.

ZÉ DA PINGA Quando acaba a brincadeira,
Sua vida volta pra ele.

DELEGADO Só que na vida real,
Tudo só depende dele.

Neste momento, todos os atores, reunidos, agradecem e cumprimentam o público!

FIM



Os Fantasmas

Gabriela Gonçalves

PERSONAGENS

MULEQUE

Criança imunda, de gênero indefinido, entre 9 e 10 anos de idade.

BARÃO

Refinado e culto, o lorde da sarjeta.

ZEZÉ

Senhora doce. Gentil, delicada e sensível.

MALANDRAGEM

Nascido e criado nas ruas; o “Vagabundo”, de Álvares de Azevedo.

CENA I – MULEQUE DESCOBRE OS FANTASMAS

No palco, Barão. Muleque entra correndo no proscênio, segurando um naco de pão e uma coleira invisível. O cenário dá a entender que se trata de um prédio abandonado, aqui e ali vê-se em papéis escritos em maiúsculas, ORDEM DE DESPEJO e DESAPROPRIAÇÃO

MULEQUE Quase que pegam a gente dessa vez! Se tu não morde o vigia, era nós dois dormindo de novo de bucho vazio, Amigão! (*acaricia o cachorro*) Mas que foi lindo de se ver, isso foi! O pingado quentinho cheirando forte, o vigia mexendo no celular e essa lindeza de pão com manteiga dando mole em cima do balcão. A gente atrás da pilastra, passa a dona com cachorro e compra e sacola e “Manoel, venha cá me ajudar com as compras”. O vigia vira de costas, coração pula no peito, um, dois, três e já! A gente sai na carreira pra chegar na guarita, o cachorro da dona vê a gente e dana a latir! Eu agarro o pão com manteiga, desvio do vigia, e lá vai você e crau! Morde a canela do Manoel! Madame grita, poodle late, Manoel xinga e a gente corre, e corre, e corre, o coração subindo pelo peito e quase saindo pela boca, as sacolas voando alto feito pipa e os carros zunindo atrás da gente, já atravessando a rua! Que noite, Amigão! Que noite! (*dividindo o pão em dois*) E agora, a melhor parte: o banquete! Isso sim é que é vida, Amigão! (*Muleque mastiga em silêncio, saboreando o pão. Silêncio. Sente frio*) Não precisa se preocupar, Amigão, eu tô aqui pra cuidar de você. Eu sei que nessas horas, de noite, quando tudo fica quietinho, é mais fácil ter medo. Chega mais perto! Você é feito um casaco quentinho com esse seu pelo comprido! E

as pulgas fazem uma cosquinha gostosa! *(segura Amigão no colo)* Hoje vai ser uma noite daquelas... Se ao menos a gente encontrasse um lugar quentinho, dentro de um bueiro ou em cima de uma árvore... *(percorre o palco com o olhar, encontra um latão)* Deve ser nosso dia de sorte! Cabemos os dois aqui dentro, com folga!

Muleque anda em direção ao latão. Ao encostar-se a ele, Malandragem surge de dentro do latão, assustando Muleque.

MALANDRAGEM Quem me incomoda?

Muleque grita e tropeça em Zezé, que estava encolhida em um canto, mesclada à paisagem.

ZEZÉ Olá!

Muleque, ainda mais assustado, sai correndo e esbarra em Barão, que segura em uma mão uma xícara de chá bonita porém maltratada, e na outra mão um jornal.

BARÃO Francamente, que grosseria!

MALANDRAGEM Um ladrão de latão!

BARÃO Um desperdiçador de chás!

ZEZÉ *(para Amigão)* Um cachorrinho!

BARÃO *(para Muleque)* A falta de pedigree é evidente.

MALANDRAGEM *(para Amigão)* Delicioso! Faremos uma sopa!

BARÃO *(para seu chá)* Era um autêntico Da Hong Pao...

ZEZÉ *(para Muleque)* E veio com um menino!

MALANDRAGEM *(para Muleque)* O ladrão é muito magrinho, a sopa ficaria rala.

BARÃO O último imperador chinês em pessoa me deu este chá...

MALANDRAGEM *(para Muleque)* Mas é um Fantasma!

ZEZÉ O menino ou o cachorro?

BARÃO Um Fantasma mal-educado, pelo visto.

ZEZÉ *(para Muleque)* Não é um menino, é um Fantasma!

MALANDRAGEM Foi o que eu acabei de dizer!

BARÃO Definitivamente, não se fazem mais Fantasmas como antigamente.

MULEQUE *(sussurrando)* Eu não sou um Fantasma...

MALANDRAGEM É o quê?

ZEZÉ Maravilhoso! Ele fala!

BARÃO Que Fantasminha mais desarticulado...

ZEZÉ E o cachorro? Também fala?

MALANDRAGEM Prefiro que o jantar não fale muito. Dá indigestão.

BARÃO *(alinhando Muleque)* Ora, muleque! Estufe o peito, tome ar, ajeite a postura e fale! Lembre-se: projeção! Clareza! Articulação!

Muleque inspira e infla o peito para falar, mas as palavras permanecem engasgadas em sua garganta. Malandragem lhe dá um tapa nas costas e Muleque desata a falar.

MULEQUE Isso é um cachorro, não é um jantar. Eu não sou um ladrão de latão, só de pão com manteiga, e só porque estava com fome. Eu também não sou um jantar. Eu falo, ele não. E não somos Fantasmas!

Os Fantasmas entreolham-se e, após um breve instante, começam a rir.

MULEQUE O que houve? Por que vocês tão rindo?

MALANDRAGEM Ele não sabe que é um Fantasma!

BARÃO Visivelmente um Fantasma em negação.

MULEQUE Do que vocês tão falando?

ZEZÉ Talvez o pobrezinho ainda não saiba...

MULEQUE Saiba o quê?

ZEZÉ Que é um Fantasma!

MULEQUE Mas como pode ser, se eu tô aqui vivinho, bem na sua frente?

BARÃO Decididamente, ele não sabe.

MULEQUE Vocês são todos malucos!

MALANDRAGEM Maluco é você, que é Fantasma e nem sabe!

ZEZÉ Barão, explique para ele!

BARÃO *(lendo o jornal puído)* Estou no meio da seção de finanças.

ZEZÉ Por favor, Malandragem! Ele ainda não entende...

MULEQUE O que eu não entendo?

MALANDRAGEM Uma hora ele aprende, por bem ou por mal.

ZEZÉ Não pode ser por bem?

BARÃO Pelo meu bem, façam silêncio.

MULEQUE Vocês podem, por favor, parar de falar como se eu não tivesse aqui?

Os Fantasmas olham para Muleque, se entreolham e continuam a conversa como se ele não estivesse lá.

CENA II – DESCRIÇÃO DO QUE É NECESSÁRIO PARA SE TORNAR UM FANTASMA – MAS NÃO SE DIZ O QUE É NECESSÁRIO PARA DEIXAR DE SER UM

ZEZÉ E se explicássemos todos juntos?

BARÃO Eu estou muito ocupado.

MALANDRAGEM Eu também, não tenho tempo pra isso.

ZEZÉ Está bem, explico eu.

BARÃO Já que você insiste, eu explico então.

MALANDRAGEM Ah, que chatice! Eu explico logo. *(para Muleque)* Muleque, você é um Fantasma. Pronto.

ZEZÉ Ótima explicação!

BARÃO Eu mesmo não faria melhor.

MULEQUE Isso quer dizer... que eu morri?

ZEZÉ Morreu? Coitado...

BARÃO Claro que não! Que tolice...

MALANDRAGEM De onde você tirou uma coisa dessas?

MULEQUE Mas vocês mesmos disseram que...

MALANDRAGEM É bem simples: existem dois tipos de Fantasmas: os Fantasmas mortos e os Fantasmas vivos. O primeiro tipo vira Fantasma depois de morrer. O segundo tipo é Fantasma ainda em vida.

MULEQUE Nossa, nunca tinham me explicado isso...

ZEZÉ Não se fala mesmo sobre esse tipo de coisa.

BARÃO É o tipo de conhecimento que é implícito.

MULEQUE Implícito?

MALANDRAGEM É quando todo mundo sabe que uma coisa é de um jeito! Mas ninguém fala sobre isso.

ZEZÉ Todo mundo meio que adivinha!

BARÃO Meu rapaz, é muito simples: quando você anda na rua, alguém por acaso te enxerga?

MULEQUE Pensando bem, às vezes parece que ninguém me vê...

ZEZÉ E, se alguém te olha, logo vira o olhar e muda de lado na calçada?

MULEQUE Isso acontece de vez em quando, mas...

MALANDRAGEM Você tem documento? Profissão? Casa?

MULEQUE Não tenho não senhor, mas...

MALANDRAGEM Então pronto! Você é um Fantasma!

BARÃO Inegavelmente, um Fantasma.

MULEQUE Nossa! Eu sou um Fantasma! Isso explica muita coisa... Peraí, como foi que eu virei um Fantasma e nem percebi?

ZEZÉ Simplesmente acontece, meu filho. O Barão ali, por exemplo, virou Fantasma de repente!

BARÃO Nem tive tempo de trocar de roupa.

ZEZÉ Já o Malandragem é Fantasma desde pequenininho.

MALANDRAGEM Nascido e criado Fantasma, com muito orgulho!

ZEZÉ Já eu, fui virando Fantasma de pouquinho, cada ano ficava mais fantasmagórica. Aí foi tranquilo, não teve susto.

BARÃO Realmente, parece bem mais agradável.

ZEZÉ E você, muleque? Como foi virar um Fantasma?

MULEQUE Eu não sei direito... Eu morava com a vó num barraco pequeno, só tinha um quarto. Tinha também uma cama meio quebrada, um colchonete, um fogão e dois baldes: um pra pegar água e o outro era o banheiro. O vizinho puxou um fio do poste e a gente tinha até lâmpada lá dentro! A água a gente pegava de um rio meio barrento, lá perto, e a vó fervia numa panela velha no fogão antes da gente beber.

ZEZÉ Parece uma casa linda!

MULEQUE Era mesmo! Morava lá eu, a vó e a mãe.

MALANDRAGEM Você tinha vó e mãe?

BARÃO Um luxo invejável.

MULEQUE Mas a mãe não ficava muito tempo em casa. Se eu quisesse encontrar a mãe, era só andar um pouco na rua, de noite, que ela tava sempre com uma gente meio estranha, os olhos fundos e as mãos magras, que tremiam muito. E sempre era à noite, a mãe não gostava muito do dia. Da vó, eu gostava! Ela fazia cuscuz de milho no fogão e andava pela casa cantando baixinho, arrastando o chinelo no chão. Um dia, a vó ficou doente, não saiu mais da cama. Noutro dia, um vizinho levou a vó pro hospital, e ela não voltou mais pra casa.

ZEZÉ “Casa”, essa palavra é engraçada, né? Pequeninha mas, se ela falta, abre um buraco gigante no peito...

MALANDRAGEM Zezé, não interrompe! Deixa o muleque continuar!

MULEQUE Não tem muito mais o que contar. No outro dia, a mãe apareceu em casa com o namorado. Eu não gostava do namorado da mãe. E o namorado da mãe também não gostava de mim. Foi nesse dia que eu soube que tinha que ir embora.

BARÃO (*afagando Amigão*) E este maravilhoso espécime, morava com você?

MULEQUE Eu encontrei o Amigão no meu primeiro dia fora. Na verdade, foi o Amigão que me encontrou! Eu tava meio triste, atrás de uma lata de lixo. O Amigão chegou devagarzinho, colocou a cabeça no meu colo e pronto! A gente virou amigo!

BARÃO A fauna! Que extraordinário poder ela possui! Todos os animais conseguem enxergar os Fantasmas, por isso os Fantasmas gostam muito de cachorros, e gatos...

ZEZÉ Alguns até de ratos!

MALANDRAGEM Hum, delícia...

MULEQUE O tempo foi passando e as minhas pernas e braços cresceram mais que as mangas da camisa e a barra da calça. Acho que foi aí que eu virei um Fantasma... Sim, deve ter sido aí.

CENA III – MULEQUE VENCE UM DESAFIO PROPOSTO

ZEZÉ Pobrezinho... Podemos ficar com ele?

BARÃO Não sei, parece ter pulgas.

ZEZÉ Estou falando do muleque!

BARÃO Ora, eu também!

MALANDRAGEM Não sei, não sei... Já temos muito que fazer! Um Fantasma, pequeno assim, dá muito trabalho.

MULEQUE Eu não dou trabalho nenhum!

BARÃO Certamente teremos de alimentá-lo.

MULEQUE O Amigão já me mostrou as mangueiras e amoreiras que dão fruta, e as bicas onde dá pra beber água fresca e se lavar.

ZEZÉ E ele é tão pequeno, não deve comer muito!

MALANDRAGEM É mais um pra esconder dos homens de uniforme!

MULEQUE Eu e o Amigão conhecemos vários esconderijos. E, se aparece algum homem de uniforme, o Amigão começa a latir, dando tempo pra gente fugir!

BARÃO Extraordinário!

MALANDRAGEM Decidido! Ficaremos com o Amigão!

MULEQUE Não!

ZEZÉ Malandragem, isso não é certo. Separar um Fantasma de seu cachorro, assim, desse jeito.

MALANDRAGEM Ficar com os dois vai dar muito trabalho!

ZEZÉ O muleque sabe se virar, ele mesmo disse!

BARÃO Fantasmas! Quando nos deparamos com um dilema como este, só nos resta uma coisa a fazer. Conferência!

Os Fantasmas reúnem-se em círculo e cochicham, como se tomassem uma decisão da maior importância. Após longo tempo, Barão toma a frente do grupo.

BARÃO Muleque, após muito confabularmos, discordarmos e negociarmos, chegamos à conclusão que, para admiti-lo em nosso *petit comité*, caberá a você executar, com maestria e destreza, uma tarefa a nosso critério. Tal como Jasão em busca do Velocino de Ouro, você terá que provar sua astúcia trazendo-nos um tesouro valiosíssimo, algo que ateste sua habilidade em sobreviver nesse mundo cruel para Fantasmas como eu e você.

MULEQUE (*confuso*) O quê?

MALANDRAGEM Se quiser entrar pro grupo, vai ter que trazer sabonete.

MULEQUE Sabonete!

BARÃO Um tesouro inestimável!

MALANDRAGEM E tem que ser até o final do dia.

BARÃO A trama se complica!

MALANDRAGEM E se os homens de uniforme te pegarem, você tá por sua conta!

BARÃO Uma aventura repleta de perigos!

ZEZÉ *(beijando o Muleque na testa)* Tenho certeza que irá conseguir.

MULEQUE *(reticente)* Tudo bem... Então eu vou indo! Sabonete, né? Pode deixar! Vamos lá, Amigão!

Os Fantasmas fazem que vão se sentar, para esperar o retorno de Muleque. No momento em que tocam o chão, Muleque retorna triunfante, com um pedaço de sabonete na mão.

MULEQUE Aqui está!

MALANDRAGEM Não é possível!

BARÃO Admirável!

ZEZÉ *(admirando o sabonete)* Que lindas cores!

BARÃO Sinto cheiro de lavanda!

MALANDRAGEM Como conseguiu tão rápido?

ZEZÉ E com tantos homens de uniforme por aí?

MULEQUE Foi fácil! Daqui a duas ruas tem um prédio, e no fundo do prédio ficam as caçambas de lixo. Eu esperei todo mundo ficar distraído e me escondi em uma...

BARÃO A julgar pelo cheiro, essa parte é verdade.

MULEQUE O Amigão ficou do lado de fora, pra latir se alguém chegasse perto. Foi só procurar um pouquinho que eu achei um monte de barras assim, que o pessoal usou um pouco e jogou fora. Aí nós fomos numa bica e, com água, juntamos esses pedacinhos. Deu esse sabonetão grandão!

MALANDRAGEM Hunf, foi pura sorte.

MULEQUE Então? Passei no teste?

Os Fantasmas entreolham-se.

BARÃO Conferência!

Mais uma vez, os Fantasmas reúnem-se em círculo e cochicham, como se tomassem uma decisão da maior importância. Após longo tempo, Barão toma a frente do grupo.

BARÃO Muleque, após muito confabularmos, discordarmos e negociarmos, chegamos à conclusão que, tal como Moisés, fazendo cair dos céus o maná para alimentar o povo de Israel, você nos trouxe hoje um grande tesouro. Por isso, é com muita honra e alegria que admitimos sua figura, *recub sic stantibus*, em nossa organização! Para tanto, você ganhará um nome de Fantasma!

MULEQUE Isso é demais! E qual o meu nome de Fantasma?

Os Fantasmas entreolham-se. Suspense.

ZEZÉ Muleque!

MULEQUE Que nome incrível!

BARÃO Achamos apropriado.

CENA IV – LIÇÕES DE FANTASMA

MULEQUE Eu tô tão feliz! Deve ser mais fácil ser um Fantasma quando a gente tem outros amigos Fantasmas! Já estava ficando cansado, ia agora mesmo perguntar se existe um jeito de deixar de ser um...

Zeze começa a falar, mas é interrompida por Malandragem.

MALANDRAGEM E pra que você iria querer uma coisa dessas, Muleque? Ser Fantasma é bom demais! Isso é que é vida! Olha bem pra mim, eu tenho tudo o que eu preciso!

MULEQUE Não parece...

MALANDRAGEM Como não? Olhe bem!

*(cantando) Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser*

*Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

*Nossa cama é o gramado
verde e fofo pra deitar
O chuveiro é o riacho
O mundo inteiro, o nosso lar*

ZEZÉ *Se souber onde olhar
Você tem o que comer*

MALANDRAGEM *E se o frio apertar
O fogo vai te aquecer!*

**ZEZÉ e
MALANDRAGEM** *Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

MULEQUE *É verdade, Barão? Na rua a gente é livre?*

Barão coloca o jornal de lado, pigarreia, e começa a sapatear.

BARÃO *Quem tem muita posse
ligeiro se esquece
do que mais importa
e logo adoece*

*Seria mentira
não admitir
que dinheiro, viagens
não fazem sorrir*

*Mas a pura verdade
que se ignora*

ZEZÉ *É que a felicidade
não vende em loja!*

TODOS *Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

MULEQUE Eu nunca tinha visto as coisas desse jeito!

MALANDRAGEM Então cola em mim, Muleque! Você tem muito a aprender!
Lição número 1: comer!

*O lixo, coitado,
É injustiçado
Há tesouro escondido
ali atolado!*

Lição número 2: se aquecer!

*O mais fino tecido
pode ser bonito
Mas pouco protege
do vento e do frio*

BARÃO *Jornal e papel
Se bem ajeitados
São mais elegantes
Que seda e brocado!*

Barão improvisa uma blusa térmica, recheando sua roupa de jornais velhos.

MULEQUE Comer, se aquecer... Entendi! O que mais?

BARÃO Lição número 3: se esconder!

(arrancando um dos panfletos, onde está escrito “NÃO ULTRAPASSE”)

*Se alguém de uniforme
Aqui aparecer
É melhor não dar mole
Vá se esconder*

*Encontre um abrigo
Ou esconderijo
Pra na hora certa
Tomar chá de sumiço!*

Barão, Zezé e Malandragem somem, reaparecendo de surpresa e assustando Muleque.

MULEQUE Agora eu entendi! Comer, se aquecer, se esconder. Comer, se aquecer, se esconder. Comer, se aquecer, se esconder! É muito fácil!

BARÃO Bravo, Muleque!

MALANDRAGEM Já é um profissional!

ZEZÉ Ainda não! Falta o mais importante! Lição número 4: dividir!

*Quando nada sobra
A mais simples vitória
É bem meritória*

*A cada instante
Saiba aproveitar
O que conquistar*

*Mas toda conquista
É mais celebrada
Se compartilhada*

*E, a bem da verdade
A maior conquista
É o dom da amizade*

TODOS *Na rua a gente é livre
Pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher
Como rei a gente vive!*

CENA V – A HISTÓRIA DE BARÃO

Os Fantasmas dormem, com exceção de Malandragem, que não está em cena. Um despertador toca. Como em um ballet rigidamente coreografado, Barão levanta-se e começa sua rotina matinal: primeiro, penteia-se com muito cuidado, examinando-se em um caco grande de vidro que faz as vezes de espelho. Em seguida, escolhe dentre seus ternos puídos qual irá vestir. Escolhe um de tweed, combinando-o com um lenço. Malandragem entra em cena cansado, carregando um balde e um rodo para limpar janelas de carro. Entrega a Barão um

jornal, recolhendo-se em seguida ao seu latão para descansar. Muleque monta uma cadeira de armar, Barão senta. Muleque entrega a ele um guardanapo de pano. Zezé, que preparava em uma lata o chá, serve-o em uma xícara para Barão. Zezé entrega um naco de pão para Barão, que reparte um pedaço para si e come-o de garfo e faca. O segundo pedaço vai para Muleque, que o come com as mãos, sentado no chão. O terceiro e último pedaço vai para Malandragem, que apenas estende o braço para fora do latão para pegá-lo. Ao constatarem que não sobrou nenhum pedaço para Zezé, todos repartem um pedaço de seu próprio naco e entregam a ela. Muleque começa a tentar imitar Barão, seus trejeitos e maneirismos.

BARÃO *(lendo o jornal)* Formidável!

MULEQUE Formidável!

BARÃO Interessante...

MULEQUE Interessante...

BARÃO Homem de uniforme! *(esconde-se)*

MULEQUE Homem de uniforme! *(percebendo o engano)* Eita!

Os Fantasmas misturam-se ao cenário, escondendo-se habilmente. Após alguns segundos, Malandragem coloca para fora do latão uma luneta, dá o sinal de que tudo está bem e todos voltam aos seus afazeres de antes.

BARÃO *(voltando a ler o jornal)* Sacrebleu!

MULEQUE Sacreblé!

BARÃO Não é sacreblé! É sacrebleu! Bleu!

MULEQUE Bléu!

BARÃO Bleu!

MULEQUE Blau!

BARÃO Sacrebleu!

MULEQUE Sacréblééééú!

BARÃO *(voltando a ler o jornal)* Incorrigível.

MULEQUE Incorrigí... Ei! Essa eu entendi!

ZEZÉ O que você tá fazendo, Muleque?

MULEQUE Tô tentando ser rico, que nem o Barão!

MALANDRAGEM Há! Essa é boa! O Barão, rico? *(ri)* O Barão é tão quebrado quanto a gente!

BARÃO Mais uma vez, Malandragem, sua ignorância torna-se evidente.

MALANDRAGEM Não tem ingnorância nada! Você não tem nada de rico! Ou vai me dizer que tem aí um tesouro escondido e nunca contou pra gente?

BARÃO Minhas reservas são inexistentes, como você bem sabe.

MALANDRAGEM Viu! Você não é rico! Foi o que eu disse.

BARÃO Mas...

MULEQUE Mas...

BARÃO O engano, meu caro, está em achar que ser rico é o equivalente a ter dinheiro.

MULEQUE Como não, Barão?

ZEZÉ A história é a seguinte: Barão era o rico herdeiro de uma longa linhagem de... Herdeiros. O dinheiro de sua família era tanto, e tão antigo, que nunca ninguém nela se deu ao trabalho de checar de onde ele veio ou pra onde ele ia. E se alguém sabia como ser rico, esse alguém era o Barão!

BARÃO É simples e evidente: ter dinheiro é fácil, qualquer um pode fazer isso. Ter dinheiro não significa que você é rico.

ZEZÉ Pra ser rico, é preciso ter várias habilidades nas quais o Barão é um mestre!

BARÃO (*demonstrando*) Primeiro, é preciso andar como se você estivesse sempre usando o seu melhor casaco, e como se seus sapatos fossem feitos de diamantes e não pudessem tocar o chão, mas como se você não ligasse pra isso.

ZEZÉ Também é preciso falar palavras compridas e bonitas, como “idiossincrasias”!

MALANDRAGEM “Intempéries”!

BARÃO “Intermitentes”!

ZEZÉ Pronunciando muito bem todas as consoantes, mas como se não ligasse realmente para isso.

BARÃO O mais importante é sempre parecer ligeiramente entediado, não importa o que aconteça.

ZEZÉ Senhor Barão, faremos hoje um banquete em sua mansão, para trezentos convidados!

MALANDRAGEM Senhor Barão, lavei o seu jatinho! Ele está abastecido e pronto para levá-lo para passear nas ruas de Dubai!

MULEQUE Senhor Barão, trouxemos estas rosquinhas de coco salpicadas a ouro, especialmente para o senhor!

Barão suspira, entediado.

MULEQUE Uau! Você é muito bom nisso!

BARÃO Anos de prática.

MALANDRAGEM E assim foi vivendo Barão: comprando uma ilha paradisíaca aqui, redecorando um palácio acolá...

ZEZÉ Dizem que, uma vez, para impressionar uma princesa indiana pela qual estava apaixonado, Barão mandou construir em seu quintal uma réplica do Taj Mahal!

BARÃO Princesa Lakshmi, que saudades...

MALANDRAGEM O que Barão não esperava é que, de um dia pro outro, o contador da família, que cuidava das finanças, fugisse com todo o seu dinheiro. Barão estava lendo seu jornal em sua varanda, quando tocou o sino para pedir mais chá.

ZEZÉ Ninguém apareceu.

MALANDRAGEM Após algum tempo, homens vieram e levaram seus quadros, seu piano, seu sofá. Só então percebeu o que tinha acontecido.

ZEZÉ Assim que percebeu que virara um Fantasma...

MALANDRAGEM Seus amigos da alta sociedade, de repente, não mais o enxergavam.

BARÃO Nem os bancos, nem o pessoal do Jockey Club.

ZEZÉ ... Mudou-se imediatamente para o beco atrás da mansão, onde continuou lendo seu jornal, andando como se tivesse sapatos de diamantes e pronunciando palavras bonitas com todas as consoantes bem articuladas, como antes.

MULEQUE Você não pensou em arrumar um trabalho?

BARÃO O que mais eu poderia fazer? Sei ser rico, e só.

MULEQUE Mas você não sente falta de nada?

BARÃO É claro que eu não reclamaria se, porventura, voltasse a ter um iate. Ou uma casa de praia em Bora Bora. Ou um Rolls Royce na garagem. Ou até mesmo uma garagem. *(olhando para os Fantasmas)* Mas estou bem. Era rico antes, continuo rico agora.

CENA VI – TODA CRIANÇA É REI OU RAINHA

Todos voltam aos seus afazeres. Zezé começa a varrer uma quantidade cada vez maior de panfletos de despejo. Barão volta a ler seu jornal. Malandragem sai de seu latão, carregando uma caixa de engraxate, acompanhado por Muleque. Zezé lava o rosto.

Barão pratica golfe. Mais panfletos começam a aparecer, brotando por todo canto. Alguns dizem, em letras garrafais, “ÚLTIMO AVISO”. Zezé passa a lutar contra a profusão de panfletos. Barão, alarmado, a auxilia. Malandragem entra carregando um saco cheio de lixo para reciclagem, larga-o no chão e se junta aos outros dois na cômica luta contra os panfletos. Conseguem, a muito custo, colocar todos os panfletos dentro do saco de Malandragem. Entreolham-se preocupados. Muleque entra carregando um caixote de feira, recheado de frutas e verduras.

MULEQUE Olha o chuchu! Quem vai querer maçã? A senhora aceita uma cenoura, um tomate? Tem de tudo, é só escolher!

ZEZÉ Mas que fartura!

MALANDRAGEM Parece um baú de tesouros!

ZEZÉ Tem tanta coisa bonita, fresquinha! Olha, tem até morangos!

BARÃO Fabuloso! Vieram com chantilly?

MULEQUE Não tinha chantilly na feira...

BARÃO Uma pena. Ainda assim, fabuloso!

MALANDRAGEM Onde você encontrou todas essas belezuras? No lixo?

ZEZÉ Caíram de um caminhão?

MULEQUE Nada disso! Eu ganhei!

**ZEZÉ, BARÃO e
MALANDRAGEM** Ganhou?

ZEZÉ De quem?

BARÃO Como?

MALANDRAGEM Quando?

BARÃO De quem?

MALANDRAGEM Como?

ZEZÉ Quando?

Os Fantasmas continuam alternando as três perguntas, perplexos, até que Muleque se cansa e os interrompe.

MULEQUE Calma, gente. Eu explico. Foi a moça da feira quem me deu.

MALANDRAGEM Uma moça? Não outro Fantasma?

MULEQUE Uma moça não-Fantasma!

BARÃO Extraordinário!

MALANDRAGEM E ela te deu isso em troca de quê?

MULEQUE De vez em quando eu vou na feira, pra ver se tem alguma comida que sobra, alguma fruta meio amassada ou uma alface de ontem. Essa moça tá sempre lá, numa barraca no canto. No início eu pensei que era invenção minha, mas, de vez em quando, eu achava que ela podia me ver.

ZEZÉ Ela consegue enxergar Fantasmas?

MULEQUE Sim!

BARÃO Essa é uma qualidade muito rara. Mas ela realmente te viu?

MULEQUE Viu sim! Ela primeiro sorriu pra mim...

ZEZÉ E o sorriso era bonito?

MULEQUE Muito! Ela é mais bonita do que a Princesa Lakshmi!

BARÃO Acho improvável...

MULEQUE Mas ela é! Bonita e boa. Eu ajudei ela a carregar uns caixotes e, em troca, ela me deu isso tudo. Disse que era o meu salário!

ZEZÉ Que maravilhoso! (*para Malandragem, que estava emburrado em um canto*) Qual o problema, Malandragem? Não gostou da história?

MALANDRAGEM Lição número 3: se esconder!

MULEQUE Mas eu tomei cuidado! Ela não usava uniforme!

MALANDRAGEM Você tem certeza? Olhou direitinho? O uniforme podia estar escondido, dentro da bolsa...

MULEQUE Sim, tenho certeza!

MALANDRAGEM (*examinando o caixote com desconfiança*) Ainda assim, é arriscado.

MULEQUE E por que seria?

ZEZÉ Não liga não, Muleque. O Malandragem desconfia de todo mundo que não é Fantasma.

BARÃO Isso é verdade.

MALANDRAGEM Desconfio porque quem não é Fantasma quase nunca trata a gente bem!

BARÃO Isso também é verdade.

MULEQUE A moça da feira é boa! Eu sei disso!

MALANDRAGEM Como pode ter certeza disso? (*apanhando um dos panfletos*) Pode ser uma armadilha dos homens de uniforme...

ZEZÉ (*tomando o panfleto*) Malandragem!

BARÃO (*sussurrando*) O menino não precisa saber disso.

MULEQUE Saber do quê?

BARÃO (*disfarçando*) Muleque, após muito confabularmos, discordarmos e negociarmos, chegamos à conclusão que, como você é o portador desse tesouro, cabe a você, e unicamente a você, decidir o que irá fazer com ele.

MALANDRAGEM Quando foi que concluímos isso?

BARÃO Agora mesmo.

ZEZÉ Você tava emburrado num canto e não prestou atenção.

BARÃO Então, Muleque? O que nos diz?

MULEQUE *(olhando para Amigão)* Conferência! *(discute com o cachorro por alguns instantes e toma uma decisão)* Então, após muito conversarmos e discutirmos e não lembro o resto, tomamos uma decisão: lição número 4: dividir!

BARÃO Esplêndido! Zezé, qual será o *menu du jour*?

ZEZÉ *(jogando todos os legumes em seu latão)* Sopa!

MALANDRAGEM Que gostoso!

ZEZÉ Será um banquete!

Os Fantasmas improvisam uma mesa para a ceia. Zezé serve a sopa.

BARÃO E no local de honra, teremos Muleque!

MULEQUE Eu? Mesmo?

MALANDRAGEM Claro! A comilança de hoje é por sua causa!

ZEZÉ E por nos trazer tanta alegria, hoje e nos outros dias, é com muita honra que lhe coroamos Rei dos Fantasmas!

MULEQUE Mas eu não posso ser rei! Eu sou só uma criança!

BARÃO Exato!

ZEZÉ Toda criança nesse mundo, Fantasma ou não, é rei ou rainha!

MALANDRAGEM Um brinde ao Muleque, Rei dos Fantasmas! Viva o rei!

ZEZÉ, BARÃO e MALANDRAGEM Viva!

CENA VII – COMO DEIXAR DE SER UM FANTASMA

Os Fantasmas brindam e se acomodam para dormir: Malandragem em seu Latão, Barão em seu caixote, e Zezé acomodada embaixo de uma coberta, ao lado de Muleque.

MALANDRAGEM Boa noite, Zezé!

ZEZÉ Boa noite, Malandragem. Boa noite, Barão!

BARÃO Boa noite, Zezé. Boa noite, Muleque!

MULEQUE Boa noite, Barão. Boa noite, Malandragem!

MALANDRAGEM *(irritado)* Boa noite pra todo mundo!

TODOS Boa noite!

Barão e Malandragem logo dormem, formando um estranho concerto de roncos.

MULEQUE Zezé, tá acordada?

ZEZÉ Claro, Rei Fantasma! O que você precisa?

MULEQUE Aquele dia, quando eu cheguei. Quando vocês me contaram que eu era um Fantasma, você se lembra?

ZEZÉ Lembro sim! Você levou um baita susto!

MULEQUE Naquele dia eu perguntei se tinha como a gente deixar de ser Fantasma... Você começou a responder, mas aí...

ZEZÉ Nossa, que sono! É melhor a gente ir dormir também!

MULEQUE Zezé, por que você não quer me contar?

ZEZÉ Por que você quer saber? Aqui, com a gente, não tá bom pra você?

MULEQUE Tá sim! Mas eu fico pensando... Se não existe...

ZEZÉ Se não existe... Mais?

Muleque faz que sim com a cabeça.

ZEZÉ É por isso que eu não quero te contar, Muleque. Querer mais é perigoso! Ainda mais quando o que você mais quer é tão difícil... Você pode se decepcionar.

MULEQUE Ainda assim... Eu preciso saber.

Zeze reflete. Malandragem ronca mais alto. Zeze suspira. Aponta para um caixote.

ZEZÉ O que é aquilo?

MULEQUE Um caixote...

ZEZÉ E aquilo ali?

MULEQUE Um latão.

ZEZÉ E essa outra coisa?

MULEQUE Um cobertor! Zeze, que conversa estranha. Não tô entendendo você!

ZEZÉ Pensa bem, meu Muleque: todas essas coisas existem, como eu e você. Mas o que faz com que os outros reconheçam essas coisas? Que saibam, mesmo que nunca tenham visto esse latão, que ele é um latão? *(pausa)* Um nome! Todas essas coisas são reconhecidas porque têm um nome! E é isso o que é necessário pra deixar de ser Fantasma: ganhar um nome e um sobrenome. E não digo um nome inventado, como Zeze, ou Barão ou Muleque. Digo um nome de verdade.

MULEQUE E como eu sei que um nome é um nome de verdade?

ZEZÉ Quando um nome é de verdade, você o tem escrito num documento. E aí os outros passam a te reconhecer.

MULEQUE Até mesmo os homens de uniforme?

ZEZÉ Até eles.

MULEQUE *(boceja)* Um dia, eu vou ter um nome de verdade, Zezé! E vai ser o nome mais lindo! E ainda volto pra arranjar um pra você, e um pro Barão, e... *(adormece)*

ZEZÉ Quem sabe um dia, meu Muleque? Quem sabe.

CENA VIII – LIÇÃO NÚMERO 3

Zezé aninha-se perto de Muleque e adormece. Alguns segundos depois, um forte barulho de sirenes faz com que todos acordem, assustados.

ZEZÉ O que tá acontecendo?

MALANDRAGEM *(espiando longe com sua luneta)* Os homens de uniforme! Estão lá fora!

ZEZÉ Como nos descobriram aqui?

BARÃO Não importa, não sairemos! Podemos enfrentá-los!

MALANDRAGEM São muitos! *(olhando para Muleque)* É perigoso.

ZEZÉ Temos tempo de fugir?

A sirene se faz ouvir mais forte. Começa uma revoada de panfletos.

MALANDRAGEM Não dá tempo! Mas podemos distraí-los!

BARÃO Boa ideia! *(para Zezé)* Rápido, esconda o garoto!

Barão e Malandragem pegam apressadamente alguns pertences. Zezé faz com que Muleque e Amigão entrem no caixote da feira.

ZEZÉ Muleque, lição número 3: se esconder! Você e Amigão não façam barulho nem saiam daí até não ouvirem nenhum barulho aqui fora, entendeu?

MULEQUE Mas e vocês?

BARÃO Não se preocupe conosco! Apenas se esconda!

Um holofote ilumina o esconderijo dos Fantasmas!

MALANDRAGEM *(cobrindo Muleque com a coberta) Agora!*

Muleque se esconde. Os Fantasmas correm em meio a barulhos de sirene. Muitos panfletos revoam sobre o esconderijo.

CENA IX – A ESCOLHA DE MULEQUE

Silêncio. Muleque e Amigão, ainda dentro do caixote, tiram a cabeça de debaixo da coberta.

MULEQUE *Acho que já podemos sair... Olá! Tem alguém aí? Barão? Malandragem? Zezé... (começa a chorar) Não precisa ter medo, Amigão. Eles vão distrair os homens de uniforme e vão voltar, você vai ver. Enquanto eles não chegam, eu te protejo. Eu sou o Rei dos Fantasmas, não sou? Sei comer, me aquecer, me esconder e dividir...*

*(cantando) Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

(para Amigão) Ué, Amigão, o que é isso na sua boca? O que você achou aí, no fundo do caixote? (mostrando uma carteira de identidade) Um documento! É isso! Com esse documento eu vou ter um nome! Um nome de verdade! E aí vou poder enfrentar os homens de uniforme, e ajudar os Fantasmas, e... (ouve um latido imaginário) Foto? Que foto? (examinando a foto do documento) É a moça da feira. É o nome dela. Ela foi tão boa com a gente, não foi? Não posso usar o nome dela. Mas, se a gente tivesse um nome, mesmo que o nome de outra pessoa, a gente deixaria de ser Fantasma! (latido imaginário) Você tá certo. A gente não é ladrão, nem de latão, nem de documento. O dia já tá nascendo, vamos na feira. A gente vai devolver o documento pra moça.

CENA X – CAROLINA

Muleque sai de cena. Entram os atores que interpretam Zezé, Malandragem e Barão, como narradores.

ZEZÉ Muleque não voltou ao esconderijo dos Fantasmas por muito tempo. Depois que ele encontrou a moça bonita na feira e devolveu seu documento a ela, muita coisa mudou.

BARÃO Para ele e para a moça! Ela, que já se encantara por Muleque há muito tempo, ficou muito impressionada com a sua honestidade. Muleque e Amigão foram morar com a moça, a quem passaram a chamar de outro jeito: mãe.

ZEZÉ Ao contrário da outra mãe, essa era mesmo muito bondosa. Muleque não só voltou a ter uma casa, mas uma casa cheia de amor.

MALANDRAGEM A moça também passou a chamar Muleque de um outro jeito. Levou-o a um grande prédio, onde Muleque aprendeu que existem homens e mulheres de uniforme que são bondosos e gentis.

BARÃO Pessoas que, como a moça da feira...

MALANDRAGEM Moça, não! Mãe!

BARÃO Desculpe-me, ainda não me acostumei. Pessoas que, como a mãe e Amigão, conseguiam enxergar os Fantasmas. Essas pessoas deram ao Muleque um documento, com um nome e um sobrenome só dele!

Muleque entra em cena, muito limpo e vestido como uma menina.

MULEQUE Carolina Gonçalves Martins.

ZEZÉ Olha só! Parece que, debaixo de toda aquela sujeira, o Muleque era, na verdade, muleca!

MALANDRAGEM Mais bela do que a Princesa Lakshmi!

BARÃO E com nome de princesa também!

CAROLINA Depois de muito insistir, Carolina convenceu a mãe a levá-la para o esconderijo dos Fantasmas. Na casa das duas, havia espaço para Zezé, Barão e Malandragem! Mas, chegando lá, não encontrou ninguém...

ZEZÉ Não havia nem o latão de Malandragem...

MALANDRAGEM Nem a xícara de Barão...

BARÃO Nem a coberta de Zezé. Na porta, havia um grande cartaz, em que se lia, bem grande: “EM BREVE, NOVA LOJA”.

CAROLINA Carolina insistiu, conversou com as pessoas que passavam por perto, e com os operários da loja. Descreveu os Fantasmas para todos, perguntou se alguém os tinha visto por aí. Todos respondiam a mesma coisa...

BARÃO, ZEZÉ e MALANDRAGEM “Nunca vi ninguém assim por aqui.”

CAROLINA A mãe disse para Carolina que, talvez, os Fantasmas não tivessem realmente existido. Ou melhor: eles tinham existido, mas só na cabeça da Carolina.

ZEZÉ Será?

BARÃO Não sei ao certo. Quem sabe?

MALANDRAGEM Eu não sei.

BARÃO Eu também não.

CAROLINA Pensando bem, faz diferença?

Todos começam a cantar e dançar, brincando entre si e com a plateia.

FIM!



Pedro

Adailtom Alves Teixeira

PERSONAGENS

Um **ATOR** e uma **ATRIZ** representam Pedro e todas as demais personagens.

CENÁRIO

Ao fundo da cena vemos um painel, que representará todos os ambientes: fazenda, casa etc.

O ator e a atriz entram cantando e tocando uma música de chegada.

O figurino do Pedro será a base; os demais personagens serão representados por adereços e algumas peças de roupas.

PRÓLOGO

ATOR/ Senhoras e meus senhores
NARRADOR Venho aqui para narrar
A história de um homem
Cabra esperto pra danar
Seu nome já vou dizer
Antes que ele possa falar. *(ator põe uma boina)*

Toda a transformação de Pedro se dá ao colocar a boina, e as demais personagens com adereços e peças de roupas.

ATRIZ/ T'aqui, Pedro Malasartes
NARRADORA Ser mais esperto não há
Enrola a todo mundo
Nós vamos lhes mostrar
Assista a nossa história
Pois ela já vai começar

ATOR/ *(tirando o chapéu)*
NARRADOR Vamos começar falando
Do dia do seu nascimento
Que ninguém sabe qual é
Mas nós vamos inventando
E se nós vamos criando
Cês fingem tá acreditando!

ATRIZ/ *(se destacando)*
NARRADORA Nós não sabemos ao certo, nem dia,

Nem hora de seu nascimento
 Mas há quem diga que, na hora exata,
 Sua mãe gritou num lamento
 E o menino nasceu!

**ATOR/
 NARRADOR** Outros dizem que a mãe nem percebeu
 Quando o menino nasceu!
 Não que tivesse conversando,
 Nada! Estava era dormindo.
 E dizem que o menino já nasceu
 Andando e falando!

**ATRIZ/
 NARRADORA** Vige Maria! Minha Mãe!
 Que belo arremedo
 Pois me disseram
 Que ele nasceu de um peido!

**ATOR/
 NARRADOR** Há quem diga que Pedro simplesmente apareceu!

**ATRIZ/
 NARRADORA** Porque Pedro pode ser eu!

**ATOR/
 NARRADOR** Chega de tanto auê!

**ATRIZ/
 NARRADORA** Pedro pode ser você!

**ATOR/
 NARRADOR** Essas histórias é porque, na verdade, Pedro não tem pai.

**ATRIZ/
 NARRADORA** Ahn, isso não! É claro que ele tem pai, ele não nasceu do
 Espírito Santo!

**ATOR/
 NARRADOR** Pedro um dia perguntou pra sua mãe sobre o seu pai.

O ator se transforma em Pedro e a atriz na mãe de Pedro.

PEDRO Oh, mãe, quem é meu pai, hein?

MÃE DE PEDRO Ih, minino, que pergunta difici! (*pensa*) Ói qui eu acho qui pode sê o Zeferino ou o Raimundo... Mas tombem pode ser inté o coroné ou o Neco... Ói, meu fio, eu nunca fui santa, né? Intão pode ser mermo do capataz ou inté do padre...

PEDRO Do padre, mãe?!!!

MÃE DE PEDRO Não! Acho qui num é do padre não! Ói, teu pai pode ser o Quinzinho... Mas também, vai perguntar isso agora. Bom, teu pai pode ser...

PEDRO (*cortando, desconsolado*) Deixa pra lá!...

**ATRIZ/
NARRADORA** Minha gente, por se tratar de dados muito obscuros é melhor seguirmos adiante.

**ATOR/
NARRADOR** É melhor mesmo! Até porque há quem defenda que Pedro pode ter caído do céu...

**ATRIZ/
NARRADORA** Outros dizem que ele subiu do inferno!

Os dois cantam juntos. Em alguns momentos intercalam o canto.

Essa é a história de Pedro
De Pedro Malasartes
Que engana a todo mundo
Com engenho e arte

Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito
E fica o dito por não dito
Pedro é o bem maldito

Pedro é um enrolador
Pedro é um namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorado!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grande amor

PEDRO Eu só quero comer, beber e ter um grande amor!

**ATRIZ/
NARRADORA** Pedro saiu de casa muito moço e só levava consigo uma panela. Só que ele não tinha nada pra cozinhar. Mas Pedro é um cabra esperto...

PEDRO *(arrumando a cena; depois bate palmas)* Oh, de casa!

SENHORA *(do fundo)* Quem é?

PEDRO Um amigo!

SENHORA Amigo de quem?

PEDRO Ah! Sou amigo de todos!

SENHORA E o que você quer, amigo de todos?

PEDRO Eu queria um favor!

SENHORA Aqui não tem favor pra dar não!

PEDRO Água não se nega, minha senhora.

SENHORA Se é água que você quer, pode pegar lá no riacho.

PEDRO Ah, obrigado! É só um pouco pra fazer uma SOPA DE PEDRA.

SENHORA *(com interesse)* Como é que é? Você vai fazer o quê?

PEDRO Vou fazer uma sopa de pedra.

SENHORA Olha aqui, meu filho, eu já sou bem velha... Quero dizer, eu já tenho uma certa idade e nunca ouvi dizer que se fizesse sopa de pedra!

PEDRO Ah! Mas se faz. E é muito boa!

SENHORA Você pensa que eu sou besta, é?

PEDRO Não senhora, eu não pensaria uma coisa dessas. E olhe, já que a senhora foi tão gentil, me deixando pegar água em seu riacho, eu vou fazer a sopa e lhe dou um pouco.

SENHORA É mesmo? Eu vou poder experimentar?

PEDRO Claro! Eu não negaria um prato de comida a ninguém! Só aguarde um pouco enquanto eu vou pegar água lá no riacho...

SENHORA Não! Imagina, eu pego a água pra você.

PEDRO Obrigado! *(entrega a panela)*

SENHORA *(pegando a panela)* Eu posso aprender como você faz?

PEDRO Claro, pois não!

SENHORA Então eu vou pegar a água. *(vai se dirigindo ao fundo)*

PEDRO Se a senhora pudesse trazer um pouco de sal também, é que eu estou sem nada.

SENHORA Ahh!! Sal, é?

PEDRO Só um pouquinho, enquanto isso vou preparando o fogo.

SENHORA Tá, eu trago a água e o sal. *(do fundo, aparte)* Eu vou aprender a fazer essa sopa pra fazer pros meus peões, eles comem muito.

PEDRO *(ao público)* Velha muquirana!

SENHORA *(voltando com a água e o sal)* Aqui está.

PEDRO *(depositando as pedras, a água e o sal na panela; o fogo já está pronto)* Agora é só colocar e aguardar.

SENHORA Demora muito?

PEDRO Bom, a pedra é dura, né! Então é um pouco demorado, mas fica uma delícia!

SENHORA É bom mesmo, é? E a receita é só isso? Água, sal e pedra? É tão simples!

PEDRO É. É simples! Agora, ficaria muito mais gostoso se tivesse um pouco de coentro, aí sim, viu! Humm!!

SENHORA Coentro, é?

PEDRO Realça o sabor da sopa.

SENHORA Eu tenho coentro... Eu podia pegar.

PEDRO Não! Assim já tá bom! Agora, se quiser... Ficaré mais delicioso!

SENHORA Eu vou pegar.

PEDRO A senhora pode trazer um tomate também?

SENHORA Tomate?

PEDRO Vai ficar divino! Humm! A senhora vai querer tomar sopa de pedra todos os dias.

SENHORA É?!!

PEDRO Tá acompanhando a receita, né?

SENHORA Sim, sim!

PEDRO Pois então! Logo logo fica pronto.

SENHORA (*empolgada*) Eu vou buscar.

**ATOR/
NARRADOR** E assim Pedro fez a velha trazer tudo que ia numa sopa.
(*a senhora vai trazendo coisas*) E quando a sopa ficou pronta, eles tomaram.

SENHORA Ah! Eu vou pegar os pratos.

PEDRO Isso! Ótimo!

SENHORA Aqui.

PEDRO (*colocando a sopa*) Aqui pra senhora e aqui pra mim. E agora vamos tomar. (*tomam um pouco*) Bom, não é mesmo?

SENHORA Nossa! Muito bom!

PEDRO Quer mais um pouco? (*guarda as pedras*)

SENHORA Oh, seu moço, e você não vai comer as pedras não?

PEDRO (*pegando a panela e terminando de engolir o resto da sopa do prato*) E a senhora pensa que eu sou besta, é? (*sai correndo*)

SENHORA Quer dizer então... Que a besta sou eu? Ah, seu maldito! (*corre atrás*)

**ATOR/
NARRADOR** E Pedro se mandou. Ele ficou bem feliz por ter enganado aquela velha muquirana, que estava pensando em economizar com a sopa de pedra. A velha aprendeu uma boa lição. E logo ali na frente Pedro irá aprontar mais uma.

ATRIZ/PEDRO É, aquela sopa não matou muito a minha fome, não. A panela ainda tá um pouco quente, mas não tem nada pra cozinhar. (*ouve um cantarolar*) Opa, o que é isso?

Ator/Homem cantarola.

PEDRO Aí vem a solução dos meus problemas. (*arruma tudo como se estivesse cozinhando sem fogo; sopra*)

O Homem para. Acha estranho, anda em volta.

HOMEM (*fala para o público*) Que esquisito!

PEDRO Oh, como vai? Estava aqui cozinhando, nem tinha lhe percebido!

HOMEM Mas... Cozinhando sem fogo?!

PEDRO É. Na verdade eu não tô cozinhando porque não tem nada na panela. Mas ela cozinha sem fogo. (*segredando*) É uma panela sagrada!

HOMEM Hein?!

PEDRO É uma panela sagrada.

HOMEM (*com interesse*) Como assim... Panela sagrada?

PEDRO PA-NE-LA sagrada. Não precisa fogo pra cozinhar.

HOMEM (*com mais interesse*) Ah! Que interessante!

PEDRO Pode pegar.

HOMEM (*pegando*) É, tá quente! (*para o público*) Eu tenho que comprar esta panela. (*para Pedro*) E você não tem o que colocar nela pra se ver como ela funciona?

PEDRO Eu não tenho dinheiro pra comprar... Eu tô pensando em caçar algum bicho...

HOMEM Caçar não, você precisa de dinheiro. Dinheiro, meu caro! Aí você vai na venda e compra o que bem quiser. Você me venderia esta panela?

PEDRO O quê? Não. Milagre não se vende!

HOMEM É pena, eu pagaria um bom dinheiro!

PEDRO Eu poderia trocar.

HOMEM Trocar?

PEDRO Trocar por uns quatrocentos reais.

HOMEM Duzentos reais.

PEDRO É um milagre! Só por trezentos reais, menos que isso nada feito.

HOMEM Duzentos e cinquenta reais.

PEDRO Milagre não se negocia. Duzentos e oitenta reais e não se fala mais nisso.

HOMEM Feito!

PEDRO *(para o público)* Ainda bem, a panela já tava quase esfriando.
(para o homem) Então passe o dinheiro.

HOMEM *(pagando; fala para o público)* Fiz um ótimo negócio.

PEDRO *(saindo e falando ao público)* É melhor eu me mandar, porque a panela vai esfriar e o negócio vai esquentar.

HOMEM *(saindo pro lado oposto)* Eu vou ganhar muito dinheiro com essa panela!

**ATRIZ/
NARRADORA** E assim Pedro enganou mais um.

HOMEM *(volta correndo pro lado que Pedro saiu)* Volta aqui, seu safado, seu enganador!

Música.

Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito!
E fica o dito por não dito.
Pedro é o bem maldito!

Pedro é um enrolador
Pedro é namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grande amor!

**ATRIZ/
NARRADORA** E depois da sopa de pedra e de vender sua panela sagrada, Pedro pegou o dinheiro e foi comer, pois seu mal era fome! E comeu, e comeu... Até o dinheiro acabar! Só que toda aquela comida, toda aquela lambança não lhe fez muito bem, não! Começou a dar um revertério no seu estômago... *(atriz põe o capuz e se transforma em Pedro)* Ai, minha nossa Senhora! Vige, minha mãe! *(corre de um lado para o outro; acha um local)* Eu vou fazer é aqui mesmo! *(agacha-se para defecar. Ouve um assobio. Termina e cobre o que fez com um chapéu. Começa a disfarçar imitando um pássaro)*

HOMEM Tarde, sô!

PEDRO Tarde!

HOMEM Mai o qui é que o nhô tem aí?

PEDRO Peguei um curió!

HOMEM É mermo, sô? Nossa! Mais o curió é bicho difícil de pegar!

PEDRO Pois eu peguei um agorinha mesmo. Só que tô sem gaiola.

HOMEM Que pessoa de sorte ocê é, hein! Sabe, já qui ocê tá sem gaiola eu poderia comprar seu curió...

PEDRO Mas é uma raridade esse pássaro!

HOMEM Ué, i eu sei! Mas eu pago bem!

PEDRO Quanto?

HOMEM Uns cinquenta reais.

PEDRO Mas você não disse que é uma raridade? Então! Duzentos reais.

HOMEM Mas é um pássaro, home, num é um bezerro. Oitenta reais.

PEDRO Um cantador como esse. Cento e cinquenta reais.

HOMEM Ói, i eu só quero ajudar... Se num quiser... É cem reais e nada mais.

PEDRO Feito. Passe pra cá o dinheiro e pegue seu curió.

HOMEM *(paga e pega o chapéu)* Ocê num faria um favor? Pegar uma gaiola lá em casa?

PEDRO Onde você mora?

HOMEM Logo ali, na primeira casa azul. *(indica a direção)*

PEDRO Pode deixar que eu vou lá buscar. Aguarde aí! *(retira-se um pouco; para o público)* Eu vou é dar no pé, porque esse pássaro além de não cantar vai é feder. *(sai)*

HOMEM Eita negócio qui eu fiz, gente! Esse passarim vale uns duzentos reais e pagando barato! E eu num moro em casa azul é nada... Eu vou é pegar o bichinho antes que ele perceba qui foi logrado! *(vai colocando a mão por baixo do chapéu, devagar, até perceber que caiu na esparrela)* Volta aqui, seu fio de uma égua, seu demo! Eu te pego seu safado! *(corre na direção que Pedro saiu)*

**ATRIZ/
NARRADORA** E assim Pedro ia sobrevivendo, sua esperteza era a sua arma. Numa feita encontrou um urubu, que estava com a perna machucada. Pedro cuidou do bicho e o levou consigo, já que estava sozinho no mundo. Agora tinha um amigo. Amigo esquisito, é verdade, mas foi muito útil a Pedro. Pedro já andava há uns dois dias e não cruzava com nenhuma alma viva, estava com muita fome. Foi quando viu uma casa. Ele subiu no telhado, retirou uma telha e pelo buraco viu tudo: o marido saiu para caçar e a mulher pôs-se a cozinhar. Cada coisa gostosa! Ele achou estranho e pôs-se a matutar.

PEDRO *(no outro canto)* Tanta comida gostosa! Ué, mas se o homem foi caçar... Quero vê pra quem será. Por isso eu vou observar!

**ATRIZ/
NARRADORA** E Pedro ficou lá observando enquanto a mulher fazia a comida.

A atriz vai se preparar.

PEDRO Eu estive aqui pensando, se a comida não é pro marido só pode ser pro... Eu já sei o que vou fazer. É hoje que meu urubu, Severino, vai falar e eu vou me fartar. *(o urubu está no ombro de Pedro. Pedro bate palmas)* Ô de casa!

MULHER Ô de fora! Quem tá aí?

PEDRO Sou eu, um amigo!

MULHER Amigo de quem? (*aparecendo*) Vá embora, não lhe conheço e estranho aqui não é bem-vindo!

PEDRO A senhora não pode me arrumar um pouco de comida? Viajo há dias e meu estômago já está nas costas. E quem sabe um lugar onde o corpo possa descansar!

MULHER Olha aqui, meu marido não está, foi caçar. E eu não costumo abrigar vagabundos e aqui não tem comida nenhuma.

PEDRO Mas tá um cheirinho gostoso!

MULHER Mas é um atrevido! Está duvidando de mim, é? Se eu digo que não tem comida é porque não tem.

PEDRO (*faz um grasnar*) Não fale uma besteira dessa, Severino! (*para a mulher*) A senhora não repare, ele é meio atrevido!

MULHER Mas quem falou? E quem diabo é Severino aqui?

PEDRO Este aqui é meu urubu falante, Severino!

MULHER Há, há, há e agora urubu fala é?

PEDRO E é adivinho!

MULHER Há, há, há! Mais essa! Ora, vá procurar sua turma!

PEDRO (*grasna*) Ele disse que a senhora tem lá dentro galinha assada, farofa, feijão, arroz, salada e uma deliciosa sobremesa!

MULHER (*para o público*) Não é que é adivinho mesmo! (*para Pedro*) E o que mais ele disse?

PEDRO (*grasna*) Ora, Severino, aí já é demais!

MULHER O que foi que ele disse?

PEDRO Não quero nem falar. Mas já que a senhora quer saber. Ele disse que a senhora aproveita quando o seu marido vai caçar pra encontrar com o seu... A senhora sabe. (*insinua o encontro dela com o amante*)

MULHER Isso já é uma ofensa! Eu sou uma mulher direita! Ponha-se daqui, vá embora! (*entra*)

PEDRO (*grasna*) Ele disse que seu marido está voltando, que não foi caçar; anda meio desconfiado...

MULHER (*aparecendo*) Ai, meu Deus! (*para o público*) Meu marido não pode ver toda essa comida. (*para Pedro*) Entre e pode levar toda comida. E faça isso antes que meu marido volte. (*disfarçando*) Porque ele pode não gostar de lhe encontrar aqui. E eu sou uma mulher direita, mas também sou uma pessoa boa e não vou deixar um coitado passar fome.

**ATOR/
NARRADOR** E assim Pedro matou sua fome mais uma vez. E continuou sua jornada mundo afora esperando encontrar um lugar em que ele pudesse repousar e não tivesse mais que fugir nem se esconder. Mas sua fama foi se espalhando, se espalhando...

Música.

Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito!
E fica o dito por não dito.
Pedro é o bem maldito!

Pedro é um enrolador
Pedro é namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
 Pedro quer viver sem rancor
 Ele quer viver um grande amor!

**ATRIZ/
 NARRADORA** Pedro, nessa sua jornada pelo mundo, encontrou todo tipo de gente. Uma vez chegou à casa de um sovina, um mão-de-vaca, um avarento de primeira, um mão-fechada daqueles que atravessam o mar nadando com um punhado de sal. O sovina, pra economizar, casou com uma mulher ingênua, pois dizia ele que mulher de muito saber poderia lhe dar um golpe e levar ou gastar sua fortuna. Além disso, foi morar nos cafundó do Judas que era pra ninguém lhe visitar. Tudo que o avarento ganhava, ele comprava em moeda de ouro e guardava em um baú. Dizia que era pro futuro! Que o futuro não iria pegá-lo desprevinido. Um dia Pedro passou por lá.

PEDRO *(entrando e dirigindo-se ao público)*
 Eita, que tô cansado de andar.
 Já andei esse mundão quase todo
 E não consigo descansar.
 A vida é dura e o jeito é labutar!
 Eu queria um pouco de sossego,
 Encontrar uma mulher pra amar!
 Ter uma casa e um jardim pra cuidar.
 Mas a vida é dura e o jeito é labutar!
 Andando com fé, esperança e batalhando
 Um dia eu chego lá!

Mas tem uma casinha ali, vou pedir um gole d'água e um pouco de comida pra seguir viagem! *(aproximando-se)* Ô de casa!

MULHER *(dentro)* Ô de fora! Quem é?

PEDRO É um amigo!

MULHER *(saindo)* Então pode se aproximar, sô! Meu marido num tá, mas aqui é casa de amigos!

PEDRO *(tramando; para o público)* Receptiva, não? E bonita! *(para a mulher)* Pois eu encontrei ele agora mesmo!

MULHER Ele, quem? O meu marido?

PEDRO É, seu marido! (*com malícia*) Ele disse que me desse aquilo que está bem guardadinho!

MULHER Nossa Senhora! É mesmo?

PEDRO Pois estou lhe dizendo!

MULHER Então o senhor é o seu Futuro!

PEDRO Seu Futuro?... (*caindo em si*) Ah, sim, sou eu mesmo!

MULHER Então aguarde aqui. Que eu já volto, trazendo o que é seu! (*entrando*)

PEDRO (*para o público*) Seu Futuro?! Cada uma que me aparece... Mas se vai me dar alguma coisa é melhor esperar.

MULHER (*aparecendo com um baú*) T'aqui, seu Futuro, todo dia o meu marido põe as moedas nesse baú e vai dizendo: "tô guardando pro futuro, quando o futuro chegar não vai me pegar sem nenhum". E finalmente o senhor chegou.

PEDRO É, cheguei! Sou eu mesmo. Mas me dê aqui, que eu preciso ir andando... Eu ainda tenho outros golpes... Quero dizer, outras casas pra visitar.

MULHER E em que vai gastar tudo isso, seu Futuro?

PEDRO Em coisas boas para as pessoas que o governo esquece. Agora vou indo.

MULHER Empregue bem todo esse recurso.

PEDRO Pode deixar! (*para o público*) Porque das pessoas que o governo esquece, uma delas, sou eu mesmo! (*sai*)

**ATRIZ/
NARRADORA** Pedro nunca deu um golpe tão fácil. Não se sabe se Pedro melhorou de vida. O que se sabe é que tem muitos Pedros por aí, querendo viver em paz.

**ATOR/
NARRADOR** A fama de Pedro se espalhou por todo o Brasil e mesmo por outros países. Cuidado ao encontrar o Pedro por aí. Mas saiba que o Pedro só quer ser feliz.

Música.

Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito!
E fica o dito por não dito.
Pedro é o bem maldito!

Pedro é um enrolador
Pedro é namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

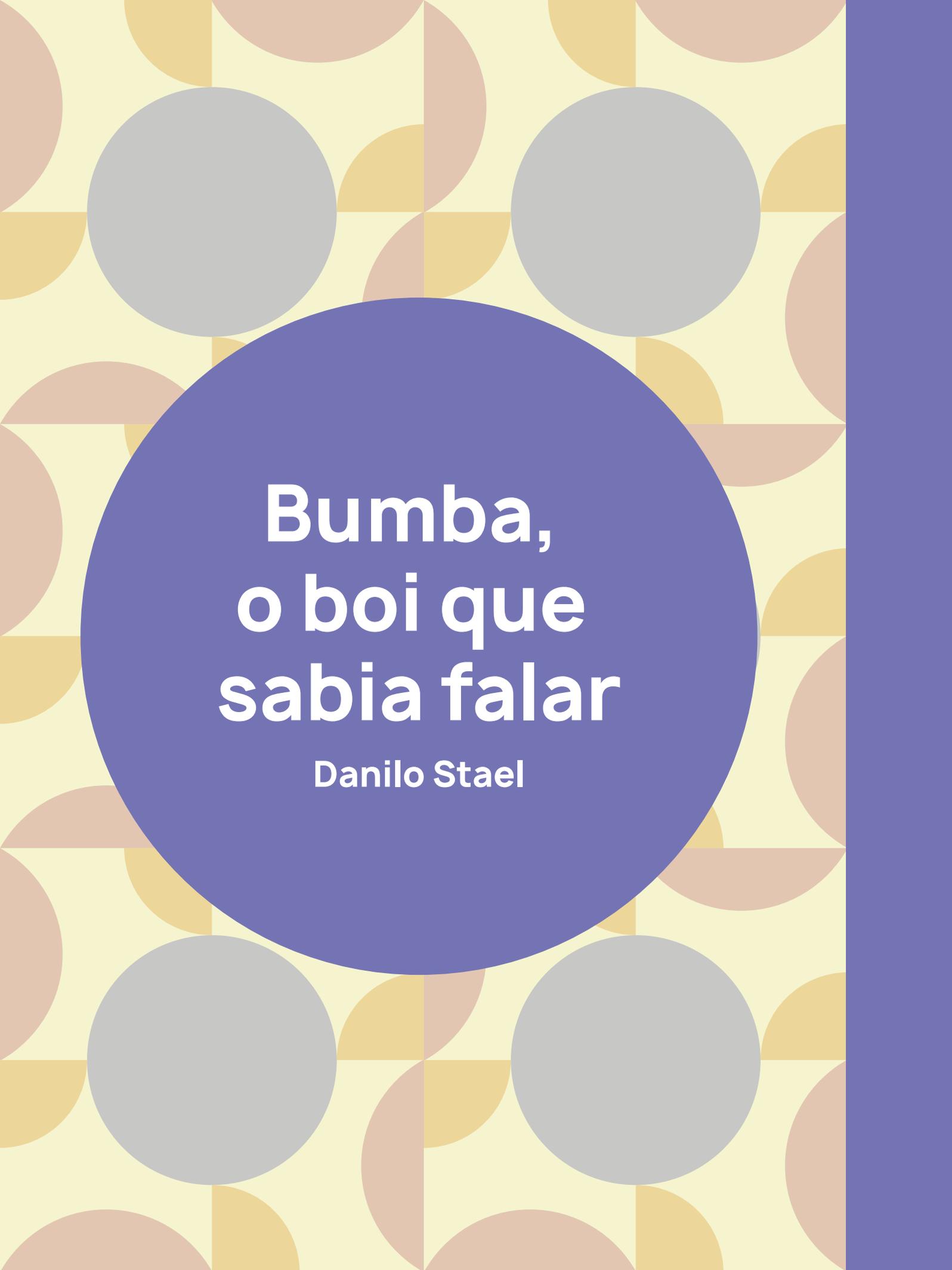
Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grande amor!

Música final.

Vou partir! Até logo
Tem gente me esperando
Deixo um abraço
E sigo cantando
Aguardo vocês
No próximo ano!

FIM!



**Bumba,
o boi que
sabia falar**

Danilo Stael

PERSONAGENS

CONTADOR DE HISTÓRIAS

JOÃO

BUMBA

MULHER

MARIDO

MARIAZINHA

1 – O BOI BUMBA

Sertão vasto, pós-chuva, com sinais de verde. Alguns alecrins no caminho. Ao longe, uma colina.

CONTADOR DE HISTÓRIAS Essa história que eu vou contar para vocês é a história de um menino que tinha um boizinho. Mas não era um boi qualquer! Esse boi sabia falar. Isso mesmo! Sabia falar. E falava cada coisa de se espantar. Boi assim, só existia um no mundo inteiro. O nome desse boi era Bumba.

(cantando)

Nasceu numa casinha,
um boi que sabia falar
Falava pra lá e pra cá
coisas que queria
e gostava de conversar
Seu nome era Bumba,
o boi do João
O Bumba era um boi
que cantava até canção
O Bumba era um boi
que falava qualquer coisa
a qualquer hora
Bumba era um boi
que até contava história,
O Bumba era um boi
que gostava de cantar
Bumba era o boizinho
que sabia falar

João e Bumba andam pelo campo em direção à casa de Mariazinha. Eles estão brincando de trava-língua.

JOÃO Olha, esse Bumba!
(como um trava-língua)
 O caju do Juca
 E a jaca do cajá.
 O jacá da Juju
 E o caju do Cacá.

BUMBA *(como um trava-língua)*
 O caju do Juca
 E a jaca do cajá.
 O jacá da Juju
 E o caju do Cacá.

JOÃO Mais rápido, Bumba!

BUMBA *(como um trava-língua)*
 O caju do Juca
 E a jaca do cajá.
 O jacá da Juju
 E o caju do Cacá.

JOÃO Mais rápido!

BUMBA *(como um trava-língua)*
 O caju do Juca
 E a jaca do cajá.
 O jacá da Juju
 E o caju do Cacá.
(falando para João)
 Assim vai embolar minha língua. Falta muito?

JOÃO A casa de Mariazinha fica depois daquela colina. Está vendo?
(João aponta para as colinas) Quando a gente chegar lá, as
 pessoas vão ficar impressionadas com você, Bumba.

BUMBA Eu estou cansado de todo mundo falando “o boi fala”, “olha o
 boi que sabe falar”, “não é que ele fala mesmo?”, “tá falando,
 o boi está falando”.

JOÃO Você sabe como as pessoas gostam de ouvir você falar, Bumba.
 Não é todo boi que fala. As pessoas ficam curiosas e querem
 ver de perto. *(João vê um alecrim e o pega)* Bumba, olha, um
 alecrim!

BUMBA O que é alecrim, João?

JOÃO É uma flor, igual daquela música “alecrim, alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado”. Vou levar para Mariazinha. Ela vai gostar.

BUMBA Deve ser delicioso. Posso provar?

JOÃO Não, Bumba. Não é de comer. É para ela, Mariazinha.

BUMBA Flor para mim é para comer. Se não for para comer, eu não sei o que fazer.

JOÃO Uma flor você dá para uma pessoa que você gosta.

BUMBA Então, me dê que eu como!

JOÃO Não. Uma pessoa que você gosta muito e que não vai comer a flor.

BUMBA Ela não vai comer?

JOÃO Não.

BUMBA E o que ela vai fazer?

JOÃO Ela vai guardar. Aí você sabe que a pessoa gosta de você também, porque ela guardou a flor.

BUMBA Entendi. Mas se você me der, eu vou comer.

JOÃO Eu não vou te dar, Bumba, eu vou dar para Mariazinha. Eu já disse.

BUMBA Estou com fome. (*Bumba come um pouco do capim*) Que gostoso!

João começa a saltitar no campo e colhe alecrins, formando um buquê.

JOÃO (*cantando*)
Alecrim,
alecrim dourado
que nasceu no campo

e não foi semeado.
 Alecrim,
 alecrim dourado
 que nasceu no campo
 e não foi semeado.
 Foi meu amor
 que me disse assim:
 que a flor do campo é o alecrim.
 Foi meu amor
 que me disse assim:
 que a flor do campo é o alecrim.

*Bumba começa a cantar junto com João, e enquanto cantam,
 Bumba come alguns alecrins no chão.*

JOÃO E BUMBA *(cantando)*

Alecrim,
 alecrim dourado
 que nasceu no campo
 e não foi semeado.
 Alecrim,
 alecrim dourado
 que nasceu no campo
 e não foi semeado.
 Foi meu amor
 que me disse assim:
 que a flor do campo é o alecrim.
 Foi meu amor
 que me disse assim:
 que a flor do campo é o alecrim.

*Bumba come o último alecrim. João e Bumba andam em direção
 à casa de Mariazinha.*

2 – O DESEJO DA MULHER

*Numa casa próxima à colina, o Marido está alimentando as
 galinhas e outros bichos. A Mulher acaba de acordar. Ela está
 grávida.*

CONTADOR DE HISTÓRIAS Próximo da colina, havia um casal que morava em uma casa
 que ficava no meio do caminho de Bumba e João para a casa de

Mariazinha. Naquele lugar as pessoas não estão acostumadas com um boi que fala. Acho que em lugar nenhum! Ou você vai me dizer que já viu um boi falando por aí, “facinho” assim!?

MULHER Marido!

MARIDO Oi, Mulher!

MULHER Já acordou?

MARIDO Acordei sim, Mulher!

MULHER O que tem pra comer?

MARIDO Tem pão!

MULHER Não quero pão, não!

MARIDO Tem café!

MULHER Não quero café, não!

MARIDO Tem cuscuz!

MULHER Não quero cuscuz também, não!

MARIDO Tem queijo, pão de queijo, milho, bolo de milho e mandioca.

MULHER Também não quero, não. Marido!

MARIDO Oi, Mulher! Minha flor! Meu tudo! Meu pão! Pode pedir o que você quiser, então.

MULHER O que eu quiser, Marido?

MARIDO O que você quiser, Mulher.

MULHER Acordei com uma vontade de comer língua de boi.

MARIDO Língua de boi? Que gosto estranho!

MULHER Eu tô grávida, Marido! Coisa de mulher grávida! Eu quero comer a língua de um boi. É meu desejo!

MARIDO Mas, Mulher, a gente não tem nenhum boi. A gente tem galinha. A gente tem pato. A gente tem até codorna. Mas boi a gente não tem.

MULHER Eu sei. Mas eu queria tanto. Estou grávida. E seu filho está com um desejo enorme de comer língua de boi. E você sabe que se a mulher não come quando o desejo vem, a criança nasce com a cara daquilo que a mulher não comeu! Você quer que seu filho nasça com cara de língua de boi?

MARIDO Quero não!

MULHER Então, Marido!

MARIDO Para comer a língua de um boi, precisa ter um boi primeiro.

MULHER Deve ter um boi correndo por aí. Vai caçar!

MARIDO Mesmo se tiver, não deve ser nosso. Deve ter dono. Boi não anda por aí sozinho. Boi não é preá.

MULHER Deve ter uma fazenda por aí com um boi. Fazenda sempre tem de monte. São tantos que o fazendeiro nem ia desconfiar que sumiu um. Eu estou com uma vontade enorme de comer uma língua de boi.

MARIDO Não ia? O fazendeiro sabe contar, Mulher. E se sumir um, unzinho que só, pode ter certeza que ele vai saber.

MULHER Marido!

MARIDO Oi, Mulher!

MULHER O que é aquilo que está vindo ali?

MARIDO Onde?

MULHER Ali na colina! Parece um boi!

MARIDO É um boi mesmo!

MULHER Parece milagre! Meu zoio é bom! De longe eu vi o boi.

MARIDO Tem alguma coisa de junto dele. É pequeno, mas não é bicho. Tem duas patas, mas não é homem. Parece uma criança!

MULHER Vai lá, Marido. E pega a língua daquele boi para mim porque eu estou com uma vontade de comer língua de boi, que seu filho aqui em minha barriga está chutando que só.

MARIDO Vou lá pegar aquele boi! É hoje que você vai comer sua língua de boi.

MULHER Marido!

MARIDO O que foi, Mulher?

MULHER Vai logo que a vontade tá grande!

O Marido vai em busca do boi.

3 – CHEGANDO NA COLINA

João e Bumba estão chegando na colina. Eles continuam brincando de trava-língua.

JOÃO *(como um trava-língua)*
Debaixo da cama tem uma jarra.
Dentro da jarra tem uma aranha.
Tanto a aranha arranha a jarra,
Como a jarra arranha a aranha.

BUMBA *(como um trava-língua)*
Debaixo da cama tem uma jarra.
Dentro da jarra tem uma aranha.
Tanto a aranha arranha a jarra,
Como a jarra arranha a aranha.

JOÃO Perfeito, Bumba. *(João encontra mais um alecrim)* Outro alecrim. Mariazinha vai gostar dos alecrins! O buquê está ficando lindo!

BUMBA Mariazinha vai gostar. *(Bumba come um alecrim)* Outro?

JOÃO Outro! (*como um trava-língua*) Farofa feita com muita farinha fofa faz uma fofoca feia.

BUMBA Essa é fácil! (*como um trava-língua*) Farofa feita com muita farinha fofa faz uma fofoca feia.

O Marido entra e se aproxima deles. O Marido ouve o boi falar.

MARIDO Nossa! O boi tá falando? Que boi é esse, falador?

JOÃO Esse é Bumba, meu boi.

MARIDO Mas ele fala!

BUMBA Falo, sim.
(*cantando*)
Sou o Bumba
sou divertido
sou bem bonito
e sei falar
Sou o Bumba
gosto de brincar
e conversar
pois eu sei falar
Sou o Bumba
gosto de cantar
Mas é falar que eu sei fazer
como ninguém
Sou Bumba!
Não sou zabumba!
Não sou quizumba!
Não sou cazumba!
Não sou cabumba!
Nem catacumba!
Eu sou Bumba!
Sou Bumba!
(*falando para o Marido*)
E quem é você?

MARIDO Mas eu nunca vi um boi falar nem cantar. Dá até pena de arrancar a língua dele.

BUMBA Arrancar minha língua? Ninguém vai arrancar minha língua!

JOÃO Ninguém vai arrancar a língua de Bumba!

MARIDO Ah! Mas minha mulher vai adorar a língua de um boi falante. Eu preciso muito da língua desse boi. Minha mulher está grávida e tá com um desejo...

JOÃO Quem é você?

MARIDO Eu sou o Marido dela!

JOÃO Olhe, seu Marido dela, eu não quero saber do desejo de sua mulher, mas a língua de Bumba ninguém vai arrancar.

MARIDO Eu compro o boi. Podemos trocar por galinhas. Eu tenho muitas delas. Elas botam cada ovo enorme. Ovos do tamanho de um ovo.

BUMBA Eu não estou à venda.

JOÃO Ele não está à venda.

MARIDO Mas não tem nada que você queira pelo boi, menino? Deve ter alguma coisa que você queira trocar por ele.

BUMBA Eu não estou à troca.

JOÃO Ele não está à troca. Dá licença que vamos passar. Estamos indo para a casa de Mariazinha. E você já está atrapalhando.

MARIDO Eu tenho patos também, e codornas.

BUMBA Não queremos seus patos nem suas codornas!

MARIDO Eu tenho milho! Eu tenho mandioca.

BUMBA Não queremos seu milho nem sua mandioca!

JOÃO Vamos, Bumba! Deixe esse Marido dela aí!

Bumba e João saem andando e voltam a caminhar em direção à casa de Mariazinha.

4 – CONTANDO A NOVIDADE

O Marido volta para casa.

MARIDO Mulher! Mulher!

MULHER Encontrou o boi?

MARIDO Encontrei!

MULHER Ah, minha língua de boi. Não sei se faço ensopado ou se faço frita.

MARIDO Mas não consegui sua língua.

MULHER Como? Encontrou o boi e não conseguiu a língua do bicho?

MARIDO O dono dele não quis me dar nem me vender. E olhe que eu ofereci tudo: galinha, pato, codorna, milho...

MULHER Não quis? Esses fazendeiros têm boi e não querem vender. Não sei pra que cria animal!

MARIDO Não era fazendeiro, não. Era um menino.

MULHER Um menino! Você não conseguiu tirar um boi de um menino? Mas Marido!

MARIDO Ele não quis vender.

MULHER Tomasse na força!

MARIDO E pode?

MULHER Poder não pode, mas a gente faz! Você vai voltar lá e vai pegar minha língua do boi! Eu vou até já botar a água no fogo, que vai ser ensopado!

MARIDO Hum! Mas vai ficar gostoso se for ensopado, Mulher.

MULHER Vai mesmo, Marido! Agora, vá pegar minha língua.

MARIDO Vou sim, Mulher! Minha flor. Eu não sei para onde eles foram. Disseram que iam visitar uma tal de Mariazinha.

MULHER Mariazinha, sei!

MARIDO Sabe?

MULHER Sei! Você também sabe! Mariazinha, filha de Chiquinha, sobrinha de Doquinha, que é neta de Nequim, o dono daquele lugar lá depois do outro lugar lá, passando de frente pra casa de Dôdô.

MARIDO Ah, lembrei. Mariazinha, filha de Chiquinha, sobrinha de Doquinha, que é neta de Nequim, o dono daquele lugar lá depois do outro lugar lá, passando de frente pra casa de Dôdô.

MULHER É essa mesmo. Vai pegar minha língua do boi, vai, que o bebê já tá chutando de novo.

MARIDO Mulher, já ia esquecendo de uma coisa!

MULHER Que coisa?

MARIDO O boi fala!

MULHER O quê?

MARIDO O boi sabe falar, sabe cantar e tem até nome: Bumba!

MULHER Mentira!

MARIDO Verdade! Estou dizendo. O boi dança e roda e sabe fazer brincadeira de palavra com o menino, o dono dele. Fala cada coisa que nem gente.

MULHER Mentira!

MARIDO Verdade! O boi que disse que não ia ser vendido.

MULHER Mentira!

MARIDO Verdade! O boi que disse que não ia ser trocado.

MULHER Mentira!

MARIDO Verdade!

MULHER Eu quero ver isso de perto. Espera que eu vou arrumar o cabelo e vou com você pegar a língua desse boi. Agora que fiquei com mais vontade ainda.

A Mulher e o Marido saem em busca de Bumba.

5 – A ARMADILHA

Numa mata um pouco fechada, com árvores e arbustos.

MULHER Marido, eles vão ter que passar por aqui para ir ver Mariazinha! Eu vou agarrar o menino, e você prende o boi e o põe dentro do saco. Aí é só arrancar a língua dele.

MARIDO Eita, Mulher! Que esse boi não sabe o que lhe espera.

MULHER Um bom ensopado da língua dele.

Ouvem-se as vozes de João e Bumba se aproximando.

MARIDO Eles estão chegando. Se esconde, se esconde.

A Mulher e o Marido se escondem atrás dos arbustos. João e Bumba se aproximam.

JOÃO (como um trava-língua)
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo saltando vento

BUMBA Como é que é?

JOÃO (como um trava-língua)
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo saltando vento

BUMBA *(como um trava-língua)*
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O sapo saltando vento

JOÃO Errou!

BUMBA Errei nada.

JOÃO Você falou “o sapo saltando vento”. E era “o papo saltando vento”.

BUMBA *(como um trava-língua)*
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo saltando vento

JOÃO Isso, Bumba!

BUMBA Acertei?

JOÃO Você falou perfeito! Não embolou a língua nem um pouquinho dessa vez. Eu nunca que ia deixar ninguém cortar sua língua, Bumba.

BUMBA Eu sei, João! Eu não ia querer que ninguém cortasse minha língua. Eu gosto muito de falar.

A Mulher e o Marido cochicham atrás dos arbustos.

MULHER Não é que ele está falando mesmo?

MARIDO Eu não te disse, Mulher? Esse boi fala.

MULHER Deve ter uma língua enorme. Quando ele chegar mais perto a gente pula e pega ele.

João e Bumba se aproximam mais dos arbustos onde estão escondidos a Mulher e o Marido.

BUMBA Mas o que o sapo estava fazendo dentro de um saco?

JOÃO Alguém deve ter colocado ele ali dentro.

BUMBA Eu nunca ia ficar dentro de um saco.

A Mulher sai do esconderijo e segura João.

MULHER Você que pensa. Pula em cima dele, Marido!

JOÃO Me solta!

O Marido sai de trás dos arbustos. O Marido pula em cima de Bumba e o prende.

BUMBA Ai! João, me ajude!

JOÃO Bumba! Solta ele.

MULHER Fica quieto menino, senão vai ser pior. A gente só quer a língua do boi.

O Marido amarra Bumba.

MULHER *(para João)* Vamos levar o boi. E você não vá fazer nada. Vamos fazer um ensopado com a língua dele.

BUMBA Não! João, me ajuda!

MULHER Cala a boca do boi. Olha aqui, menino. Eu te dou um cachorro depois, e logo você para de chorar. Criança sempre gosta de cachorro.

JOÃO Eu não quero cachorro. Eu quero Bumba. Ele é meu boi. Eu não vou deixar vocês levarem ele.

MULHER Eu já vi que eu vou ter que te amarrar para você ficar quieto. *(a Mulher amarra João)* Agora sim você vai ficar quieto.

JOÃO Bumba!

A Mulher e o Marido levam Bumba para casa.

6 – O ENSOPADO DE LÍNGUA DE BOI

A Mulher começa a preparar o ensopado enquanto o Marido fica de olho em Bumba, que está amarrado.

MULHER Hum! A água já está fervendo. Prontinha para o ensopado.

MARIDO Vai ficar delicioso, Mulher. A gente vai se lambuzar.

MULHER Agora é só cortar a língua do boi. Traz o boi aqui. Coloca a língua dele para fora.

A Mulher tenta cortar a língua de Bumba. Mas Bumba se recusa a colocar a língua para fora.

MARIDO Ele não quer colocar a língua para fora, Mulher.

MULHER Puxa a língua dele, então!

MARIDO Ele não deixa. Tá com a boca fechada.

MULHER Oh, boi! Oh, boizinho! Tenho tanta vontade de comer uma língua de boi.

BUMBA Você quer comer minha língua? Assim, eu não vou conseguir mais falar.

MULHER Mas é só um pedacinho. Se você deixar eu comer um pedacinho só de sua língua, você ainda vai poder falar. E eu não vou ficar com o desejo de mulher grávida.

BUMBA Não.

A Mulher chama o Marido num canto.

MULHER Marido, vem cá. Assim, a gente nunca vai conseguir arrancar a língua desse boi.

MARIDO Ele não quer colocar a língua para fora.

MULHER Você vai fazer cócegas nele, aí eu puxo a língua dele e arranco ela toda.

MARIDO Toda?

MULHER Toda! Eu tô com muito desejo!

O Marido faz cócegas em Bumba. Ele começa a rir. A Mulher pega a língua dele e a arranca.

MULHER Consegui!

MARIDO Ah, Mulher! Você é muito esperta.

MULHER Agora vou fazer meu ensopado.
(a mulher cozinha o ensopado de língua de boi)
(cantando)

Um ensopado de língua de boi,
cozinhando a língua do boizinho.

Vai ficar bem gostosinho,
só precisa de um temperinho.

Eu coloco sal,
um pouco de alho,
tomate e cebola,

está pronto o prato.

Um ensopado de língua de boi,
Cozinhando a língua do boizinho.

Vai ficar bem gostosinho,
só precisa de um temperinho.

Eu coloco sal,
um pouco de alho,
tomate e cebola,

está pronto o prato.

Um ensopado de língua de boi,
cozinhando a língua do boizinho.

A Mulher termina de preparar o ensopado.

MULHER Pronto, Marido. Vamos comer, o ensopado já está pronto.

MARIDO O cheiro está maravilhoso!

MULHER Eu vou lambar os beijos.

*A Mulher e o Marido comem o ensopado de língua de boi.
Bumba fica fraco e desmaia.*

MULHER Ah, Marido, estou satisfeita.

MARIDO Eu também, Mulher!

MULHER Que ensopado delicioso.

MARIDO Mulher, o boi tá desmaiando.

MULHER Vixe! Parece que tá morrendo.

MARIDO Está murcho murcho, caído, arriado, nem abre mais os zoio.

MULHER Eita! Que boi fraco. Só porque perdeu a língua!

MARIDO Se esse boi morrer aqui, vão dizer que a gente que matou o boi, Mulher.

MULHER Vixe! Eu não quero essa culpa. Vai levar ele pro dono dele. Pra depois não dizer que foi a gente que matou o boi.

7 – O BUMBA MEU BOI

Bumba está amarrado. João também ainda está amarrado, onde foi deixado, no caminho para a casa de Mariazinha.

JOÃO Meu Bumba! Espero que ele esteja bem agora. Espero que ele tenha fugido!

O Marido leva Bumba até onde está João. Bumba está desmaiado e bastante fraco, quase morto. O Marido desamarra João.

MARIDO Aqui seu boi! A gente está devolvendo ele para você.

JOÃO Bumba! O que aconteceu?

MARIDO Ele só perdeu a língua.

JOÃO O que vocês fizeram? Ele está morrendo.

MARIDO Não fizemos nada demais. Se ele morrer agora, não é culpa nossa. Eu estou te devolvendo ele ainda vivo. Depois não vá fazer fofoca com meu nome.

JOÃO Bumba, fala comigo, amigo! Me diz alguma coisa!

O Marido sai. João chora.

JOÃO *(cantando)*

Bumba, meu boi
Que eu vi nascer
Agora se foi
O que eu vou fazer?
Com quem vou conversar?

Com quem eu vou cantar agora?
Com quem vou contar uma prosa,
uma história? *(chora)*
(continua cantando)
Como poderei viver, como poderei viver
Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?
(falando com Bumba)
Bumba, eu não pude te salvar. E agora eu não sei o que fazer.

Mariazinha chega e vê João.

MARIAZINHA João!

JOÃO Mariazinha!

MARIAZINHA O que aconteceu? Você demorou muito, então eu vim em sua direção para saber o que estava acontecendo. Você nunca se atrasa!

JOÃO O Bumba, ele morreu! Arrancaram a língua dele para fazer um ensopado.

MARIAZINHA Que horrível! Como puderam fazer isso com o boizinho Bumba?

JOÃO Eu não sei, Mariazinha. Bumba não resistiu e morreu.

MARIAZINHA Tem gente ruim demais nesse mundo. Não fique assim, João! Não há mais nada que possamos fazer.

JOÃO Não podemos deixar ele aqui, Mariazinha.

MARIAZINHA Vamos enterrá-lo.

JOÃO Vamos cobri-lo de flores.

MARIAZINHA Flores!?

JOÃO Sim. Ele gostava de comer flores.

João e Mariazinha pegam flores e colocam sobre Bumba. Mariazinha tira as fitas do laço do cabelo e enfeita os chifres de Bumba. Bumba fica cheio de flores coloridas e fitas.

MARIAZINHA Ele está bonito, João.

JOÃO Está sim, Mariazinha. Mas eu preferia que ele estivesse aqui comigo, vivo, conversando, cantando, falando.

MARIAZINHA Vamos cantar uma música.

JOÃO Ele gostava de cantiga de roda.

MARIAZINHA Eu conheço uma.
(cantando)
Alecrim,
alecrim dourado
que nasceu no campo
e não foi semeado.

Alecrim,
alecrim dourado
que nasceu no campo
e não foi semeado.
Foi meu amor que me disse assim:
que a flor do campo é o alecrim.
Foi meu amor que me disse assim:
que a flor do campo é o alecrim.

João coloca o buquê de alecrim sobre Bumba. Bumba começa a se mexer.

MARIAZINHA Ele está se mexendo, João!

JOÃO O que está acontecendo?

MARIAZINHA Eu não sei.

As flores viram uma roupa bastante colorida. Bumba fica colorido e enfeitado como um bumba meu boi.

JOÃO Bumba, meu boi!

MARIAZINHA Ele voltou a viver.

JOÃO É um milagre.

MARIAZINHA Um milagre lindo!

Bumba começa a rodar e dançar.

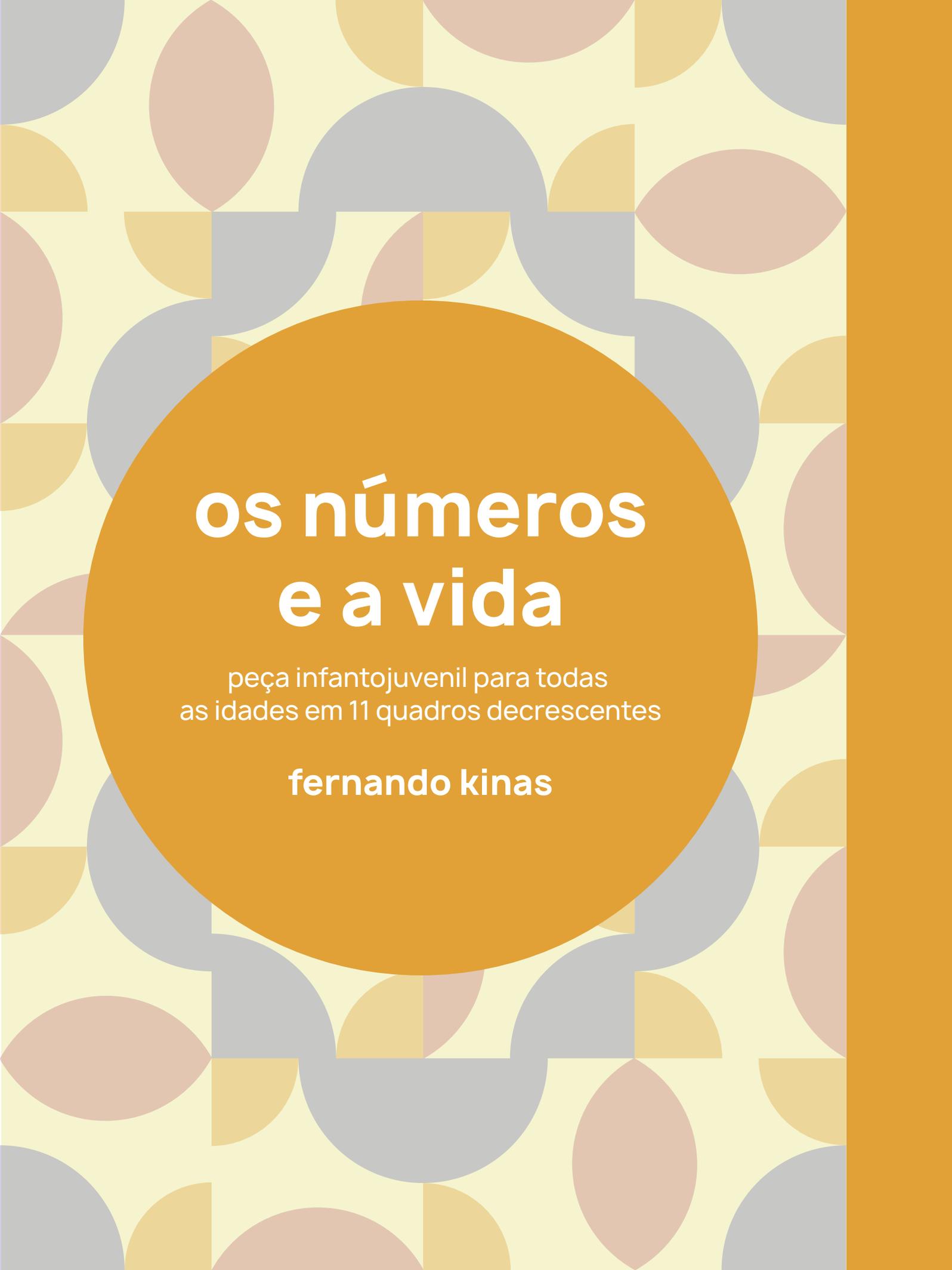
JOÃO Ele não pode falar, mas pode dançar, Mariazinha. Veja!

CONTADOR DE HISTÓRIAS *(cantando)*
Arrancaram a língua do boi
E o boi parou de falar
Arrancaram a língua do boizinho
E o boi parou de cantar
Não sabia, o seu João,
que o boi era encantado,
E pensaram que ele tinha
se tornado um boi finado
Mas bastou um pouco de amor
E o boi ressuscitou
Pra fazer a dançaria
E a gente, a cantoria
Agora, o boi ressuscitou
Todo enfeitado e colorido
Venham ver o boi dançar
Venham ver o boi bumbá
Bumba meu boi bumbá
Bumba meu boi bumbá,
Bumba bumba meu boi bumbá,
Bumba meu boi bumbá
Bumba meu boi bumbá, Bumba
Bumba meu boi bumbá,
Toca a zabumba,
Toca a matraca,
Que esse boi
Não cansa de dançar
Bate o tambor

Canta e roda
Pois essa dança
Nunca vai parar
Bumba meu boi bumbá
Bumba meu boi bumbá, Bumba
Bumba meu boi bumbá,
Bumba meu boi bumbá
Bumba meu boi bumbá, Bumba
Bumba meu-boi bumbá

Todos dançam e cantam ao som da música.

FIM!



os números e a vida

peça infantojuvenil para todas
as idades em 11 quadros decrescentes

fernando kinas

FIGURAS EM CENA

1084

12 anos, preferencialmente do sexo masculino.

3,14159

12 anos, preferencialmente do sexo feminino.

2-3-5

12 anos, sexo indiferente.

O À ESQUERDA

12 anos, sexo indiferente.

LOCAL E TEMPO

a ação se passa no mundo, nos dias atuais.

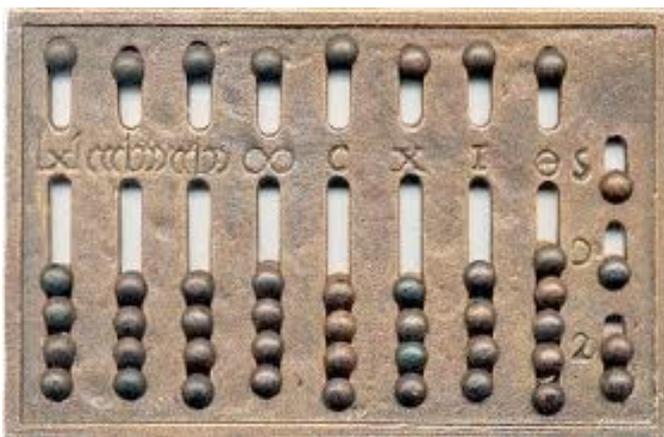
o espaço cênico, a iluminação e os figurinos não devem ser realistas. embora tudo seja muito real.

um ábaco, em grande escala, pode ser utilizado como elemento cenográfico. a beleza do instrumento, sua utilidade no jogo cênico e a pertinência temática justificam o uso. para as demonstrações matemáticas e a apresentação de imagens é possível usar recursos simples, como um flip chart e fotografias impressas, ou equipamentos mais complexos de projeção.

o elenco pode usar camisetas com os nomes das personagens estampados, ajudando a identificação.

as imagens utilizadas no texto são meramente ilustrativas, podendo ser substituídas ou suprimidas conforme as necessidades da montagem.

todo o texto, com raras exceções, é escrito em minúsculas.



ábaco mesopotâmico inventado em torno de 2400 a.C.

CENA 10

todas as figuras estão em cena. 1084 caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.

- 1084** vamos começar?
 meu pai não mora mais comigo. eu tenho várias fotos dele.
(mostra um celular)
 minha mãe disse que ele tá vivo e que passa bem.
 na cadeia.
 ele cometeu um crime que ninguém quis me contar qual era.
 nem a minha mãe. nem meu tio, que também foi preso.
 meu tio estava do lado certo, diz a minha mãe.
 eu já perguntei mais de uma vez qual é o lado certo e qual é
 o lado errado.
 e por que meu pai tava do lado errado.
 eles dizem que eu ainda não tenho idade pra entender.
 bobagem!
 eu já ouvi eles falando sobre ditadura, tortura, censura e até
 de morte. eles acham que eu não sei de nada, porque eu sou
 a-do-les-cen-te. bobagem!
 meu tio disse que vai me dar um livro de presente quando eu
 fizer quinze anos.
 ele não quis dizer o nome do livro, senão eu acho na internet.
(mostra o celular)
 nesse livro, ele disse, eu vou encontrar a resposta.
 nesse livro, ele disse também, eu vou descobrir uma parte da
 história do meu pai.
 que mistério!

CENA 09

3,14159 caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.

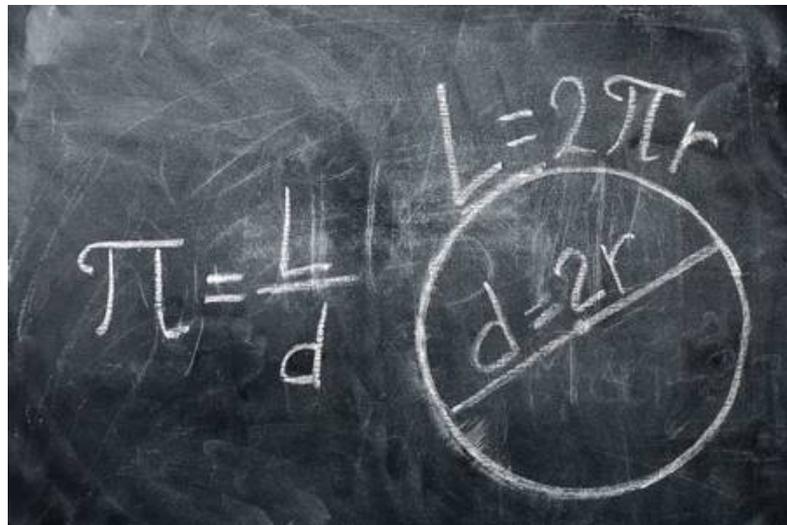
- 3,14159** olá!
 eu tenho uma memória fantástica, sabiam?
 vamos lá: 3,14159 26535 89793 23846 26433 83279 50288 41971
 69399 37510 5820974944 59230 78164 06286 20899 86280
 34825 34211 70679 82148 08651 32823 06647
 legal, não é?

3,14159 olha para 1084, procurando confirmação. 1084 dá de ombros como quem diz “sei lá”.

3,14159 π , o número pi! a constante matemática pi!

o número π é uma proporção numérica definida pela relação entre o perímetro de uma circunferência e seu diâmetro. o valor de pi é obtido, então, ao dividir o comprimento de uma circunferência pelo diâmetro. o diâmetro é igual a duas vezes o raio.

em outras palavras, se uma circunferência tem perímetro L e diâmetro d, então pi é igual a L sobre d. ele é representado pela letra grega π , adotada a partir da palavra grega para perímetro, $\pi\epsilon\rho\acute{\iota}\mu\epsilon\tau\rho\varsigma$, provavelmente por william jones, em 1706.



1084 (mostrando o celular) ele decorou da internet.

3,14159 a minha memória é fantástica!

mas eu lembro de muitas coisas, não só de números.

eu lembro da revolta dos escravos liderada por espártaco, na roma antiga.

eu lembro de zumbi dos palmares, durante a escravidão.

eu lembro da sabinada, da balaiada e dos farrapos, no brasil império.

eu lembro de outubro de 1917, na rússia.

eu lembro de julho de 1917, em são paulo.

eu lembro dos sandinistas, na nicarágua.

eu lembro da comuna de 1871, em paris.

eu lembro da marcha dos cem mil em 1968, no rio de janeiro.

eu lembro de edson luis e de marielle franco, também no rio de janeiro.

eu lembro da independência do haiti, em 1804.

eu lembro que rosa luxemburgo criou o movimento espartaquista, na alemanha.

e que o corpo de espártaco nunca foi encontrado.

2-3-5 *(na lateral do palco)*

é como se ele não tivesse morrido.

as ideias continuam.

e ele se multiplica.

como cobra-de-vidro.

1084 bobagem!

3,14159 não é não.

o povo jura que cobra-de-vidro é uma espécie de lagarto que quando se corta em dois, três, mil pedaços facilmente se refaz.

é memória e história.

é história e memória.

os números e a vida.

2-3-5 *(ainda na lateral do palco)*

mandou bem, primo.

CENA 08

2-3-5 caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.

2-3-5 boa noite.

eu sou primo do 1084 e do 3,14159.

o meu nome é 2-3-5.

vocês devem estar pensando, será que todo mundo nessa peça tem nome de número?

(pausa)

sim! todo mundo tem nome de número: 1084, 3,14159, 2-3-5 e 0 à esquerda (*lê-se sempre “zero à esquerda”*), que é o próximo e o último a se apresentar.

como eu ia dizendo, eu sou primo do 1084 e do 3,14159.

e não tenho nenhum parentesco com o 0 à esquerda.

eu sou primo. entenderam?

(faz o gesto característico com a mão balançando, polegar e indicador esticados)

eu sou próximo deles, mas não sou irmão. eu sou primo. eu vou demonstrar pra ficar mais fácil.

(apresenta um grande quadro onde está representado o crivo de eratóstenes)

este aqui é o crivo de eratóstenes. não é aristóteles, é eratóstenes, um cara muito menos conhecido que o aristóteles. eratóstenes foi um matemático da grécia antiga – ele foi bibliotecário em alexandria, antes do incêndio. é verdade! e ele descobriu um esquema para encontrar os números primos. o esquema é representado numa tabela composta de números naturais.

3,14159 os números naturais são números inteiros positivos – não negativos e não nulos – *(olha furtivamente para 0 à esquerda)* que se agrupam num conjunto chamado de \mathbb{N} , composto de um número ilimitado de elementos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12...

1084 mostra o celular, indicando que 3,14159 decorou o texto, provavelmente retirado da internet.

2-3-5 assim, o método utilizado é – primeiramente – encontrar o primeiro número primo da tabela. primeiramente, primeiro, primo... *(faz o gesto característico com a mão balançando, polegar e indicador esticados)* entenderam? depois, é só marcar todos os múltiplos desse número e repetir a operação até o último. assim, ficarão na tabela somente os números primos. *(mostra a tabela abaixo com satisfação)*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50

2-3-5 vamos ver juntos quais são os passos para descobrir os números primos:

1º. escreva numa tabela os números de 1 até 50;

2º. sabemos que qualquer número par é divisível por 2, então não risque o número 2, que é primo, e risque na sua tabela todos os múltiplos de 2 (4, 6, 8...);

3º. lembrando que qualquer número é divisível por 3 se a soma de seus algarismos também o for, portanto, sem riscar o número 3, que é primo, risque na tabela todos os números múltiplos de 3;

4º. sabendo que todo número é divisível por 5 se terminar em 0 ou 5, sem riscar o número 5, que é primo, risque na sua tabela todos os múltiplos de 5;

5º. agora, sem riscar o número 7, que é primo, risque todos os números que fazem parte da tabuada do 7 na sua tabela;

6º. não se esqueça que um número primo só é divisível por ele mesmo e pelo número 1, portanto tem dois e somente dois divisores naturais. com base nesta informação, risque o número 1, pois ele não é primo;

7º. por fim, escreva os números que você não riscou na sua tabela. serão estes, então, os números primos de 0 até 50.

1084 só isso?

2-3-5 sim.

resumindo: os números primos são números naturais maiores do que 1 que possuem somente dois divisores. eles são divisíveis por 1 e por ele mesmo. vejam os exemplos na tabela: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, 29, 31 e assim por diante.

1084 e? pra que serve?

2-3-5 é muito fácil descobrir números primos gigantes usando computadores, mas é muito difícil fazer o percurso inverso, porque não existe uma fórmula, mesmo usando supercomputadores. ou seja, todas as tecnologias de criptografia usam os números primos como base para uma série de algoritmos de segurança. sem os primos não seria possível efetuar compras seguras na internet. hoje em dia são usados números primos com algumas centenas de dígitos, mas à medida que os computadores forem se tornando mais rápidos, números primos ainda maiores serão necessários.

CENA 07

O à esquerda caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.

O À ESQUERDA eu sou o 0 à esquerda.
não um 0 à esquerda, eu sou o 0 à esquerda. todo mundo aqui tem ou teve um apelido, não é?
o seu, por exemplo (*interpela alguém da plateia*), qual é o seu apelido? e o seu?
(*aqui é possível improvisar com o público*)
bom, vocês tão vendo que 0 à esquerda nem é tão ruim assim. eu levo na esportiva.
(*depois de uma pausa*)
ehh, mais ou menos...
o problema é que eu não me sinto bem na minha pele. é como se eu não fosse eu. é como se eu tivesse olhando pra mim de fora, do alto, e dissesse assim: coitado, ele não achou seu lugar no mundo.
é estranho. é estranho.
por isso eu fico um pouco à margem.
(*afasta-se do centro do palco. fica imóvel. afasta-se mais um pouco*)
0 à esquerda não é um número negativo, mas eu já pensei, algumas vezes, que eu não queria mais viver.

3,14159, 1084 e 2-3-5 cercam 0 à esquerda, todos o abraçam e cantam: “pensou mas não pensa mais, pensou mas não pensa mais...”.

O À ESQUERDA tá bom, tá bom, mas não precisa me sufocar.

3,14159, 1084 e 2-3-5 param de abraçar, olham-se muito sérios e então recomeçam a cantar e a sufocar 0 à esquerda: “pensou mas não pensa mais, pensou mas não pensa mais...”.

3,14159 número negativo, pra ficar bem claro, é todo número real menor que zero, como -1, -2, -3. (*falando para 1084*) não precisa mostrar o celular! eu não tirei isso da internet.
na china, no século dois antes de cristo, os números negativos eram escritos em preto e os números positivos em vermelho.

O à esquerda, 1084 e 2-3-5 exclamam: “ohhhhhhh...”.

3,14159 como os chineses estão do outro lado do mundo eles invertem as coisas.

1084 bobagem!

CENA 06

cena coral. aqui é aconselhável utilizar música, que serve como introdução e comentário da cena. sugerimos composições que envolvam raciocínios matemáticos complexos, como: pithoprakta, de iannis xenakis; prelúdio e fuga nº 1 em dó maior, de j. s. bach; "poema sinfônico para 100 metrônomos", de györgy ligeti; "mad rush", de philip glass.

O À ESQUERDA cep 01502-023
tênis 39
camisa 2
cintura 72
altura 1 metro e 68
peso 68 quilos
rg 50.628.117-9
cpf 239.415.102-4
pis-pasep 131.08406.79-5 senha do banco...

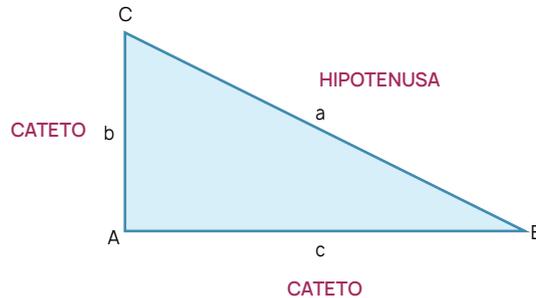
2-3-5 número da casa 735
número do celular 978546623 temperatura do ar 27 graus celsius temperatura corporal 36,7 umidade do ar 60%

3,14159 um metro tem 100 centímetros um quilômetro tem 1000 metros uma tonelada tem 1000 quilos uma semana tem 7 dias um quilate tem 0,2 grama um ano tem 12 meses um minuto tem 60 segundos um milênio tem 1000 anos um hectolitro tem 100 litros um pé tem 12 polegadas um metro cúbico tem 1000 litros um real vale 100 centavos

1084 o limite de velocidade é 100 quilômetros por hora
o brasil é pentacampeão no futebol as notas na escola vão de 0 a 10 este teatro tem 170 lugares
o número da besta é 666 hoje é dia 23
são 21h43 3, 2, 1
zero

CENA 05

3,14159 em qualquer triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. pitágoras é o cara!



3,14159 deverá fazer aqui a demonstração do teorema de pitágoras usando os três companheiros de cena. o maior deles fazendo o papel de hipotenusa, o menor fazendo o papel do cateto b.

3,14159 vejam aqui: o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. é muito bonito isso, quase uma história de amor:

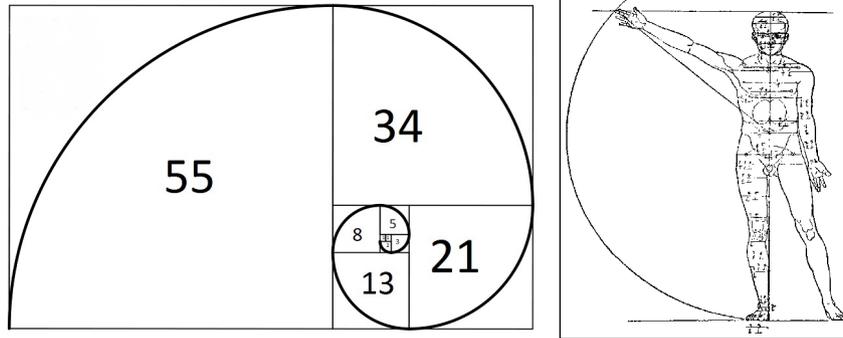
às folhas tantas de um livro de matemática, um quociente apaixonou-se um dia doidamente por uma incógnita. olhou-a com seu olhar inumerável e viu-a do ápice à base: uma figura ímpar; olhos romboides, boca trapezoide, corpo retangular, seios esferoides. fez da sua uma vida paralela à dela, até que se encontraram no infinito.

“quem és tu?” – indagou ele em ânsia radical. “sou a soma dos quadrados dos catetos. mas pode me chamar de hipotenusa.”

1084 *(mostra o celular para o público)*
poema do millôr fernandes.

2-3-5 aproveitando o momento romântico: o número de ouro, representado por phi (ϕ) é igual a 1,618033...

2-3-5 faz a demonstração do número de ouro com a ajuda de um flip chart ou outro dispositivo para a apresentação de imagens.

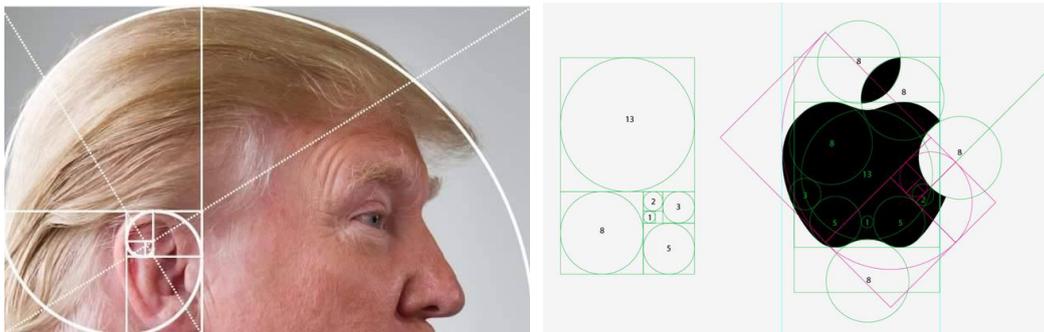


2-3-5 esta sequência de números é conhecida como sequência de fibonacci, que não é um tipo de pizza, mas uma relação encontrada em muitos lugares: caramujos, pétalas de flores, ramos das plantas, arquitetura, na logomarca de uma empresa de computadores e até no corpo humano.

vejam: é só medir a distância que vai do alto da cabeça até o chão, e depois dividir o resultado pela distância do umbigo até o chão. que número nós vamos encontrar? o número phi: 1,618033...

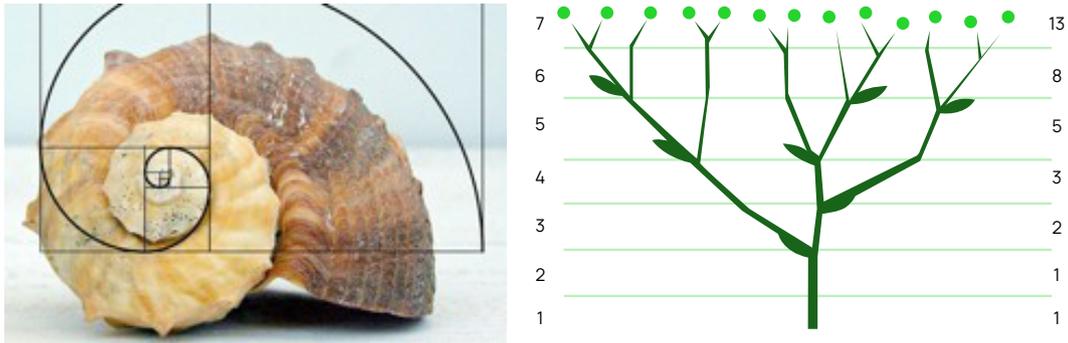
ao medir a distância de um ombro até a ponta dos dedos, e depois dividir pela distância entre o cotovelo até a ponta dos dedos, nós chegamos também ao número phi.

medindo a distância dos quadris até o chão e dividindo pelo joelho até o chão, também vemos phi, que está também na proporção dos nós dos dedos e na divisão da coluna vertebral. a sequência de phi é infinita e começa assim: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233... vejam que 0 + 1 igual a 1; 1 mais 1 igual a 2; 1 mais 2 igual a 3; 2 mais 3 igual a 5; 3 mais 5 igual a 8; 5 mais 8 igual a 13; 8 mais 13 igual a 21 e assim por diante.



2-3-5 os operadores da bolsa de valores frequentemente olham para a sequência de fibonacci para prever os preços das ações. outro uso interessante da sequência de fibonacci é na

conversão de milhas para quilômetros: uma milha é igual a 1,60934 quilômetro.



2-3-5 em música os números de fibonacci são utilizados para a afinação de instrumentos, e nas artes visuais para determinar as proporções entre os diferentes elementos formais de uma composição.

O À ESQUERDA os números e a vida! a vida e os números! proporção áurea ou número de ouro... não tem mistério. a proporção áurea é uma constante real algébrica obtida quando dividimos uma reta em dois segmentos de forma que o segmento mais longo da reta dividida pelo segmento menor seja igual à reta completa dividida pelo segmento mais longo. este valor é 1,6180339887...

3,14159 impressionante!

O À ESQUERDA obrigado. e vocês já ouviram falar do quadrado mágico? que não é mágico!

TODOS não!

O À ESQUERDA um quadrado mágico...

TODOS que não é mágico...

O À ESQUERDA ... é uma tabela quadrada, onde a soma dos números das linhas, das colunas e das grandes diagonais é sempre a mesma, sendo que nenhum destes números se repete.

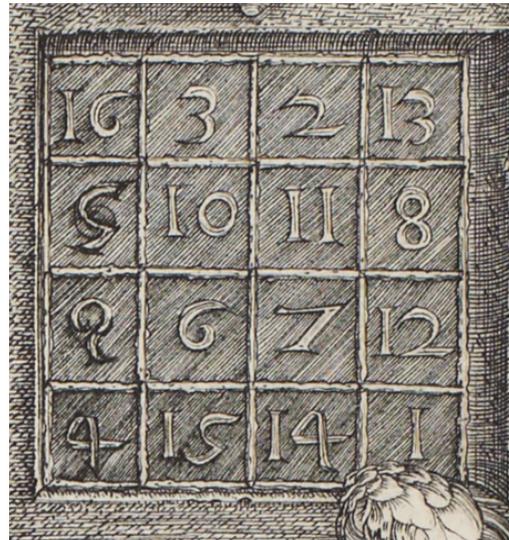
1084 dá a entender que vai mostrar o celular para o público, mas não o faz.

0 À ESQUERDA vamos ver juntos um quadrado mágico.

3,14159, 1084 e 2-3-5 olham-se muito sérios e então correm para abraçar 0 à esquerda.

0 À ESQUERDA não, sem sufocar, sem sufocar... brincadeira sem graça.

0 à esquerda mostra o detalhe do quadro, pintado por albrecht dürer.



detalhe do quadro
melancholia, de albrecht
dürer, 1514.

0 À ESQUERDA a soma, em todos os sentidos, é sempre 34!

2-3-5 existe até uma editora que se chama 34, por causa do quadrado mágico.

0 À ESQUERDA vamos analisar juntos este quadrado mágico.

3,14159, 1084 e 2-3-5 ameaçam correr para abraçar e sufocar 0 à esquerda, mas desistem.

0 À ESQUERDA ele faz parte do quadro *melancholia*, pintado por albrecht dürer em 1514.

3,14159, 1084 e 2-3-5 dizem juntos: "melancholia nããããooooo". 0 à esquerda concorda e continua sua explicação.

0 À ESQUERDA na linha inferior, nas duas casas centrais, estão lado a lado os números 15 e 14, formando 1514, data em que a obra foi criada.

nessa mesma linha, nos quadrados extremos, estão os números 4 (a quarta letra é *d*) e 1 (a primeira letra é *a*), de “dürer, albrecht”. a soma dos números de qualquer das linhas e das grandes diagonais é sempre 34.



melancholia, de albrecht dürer, 1514.

2-3-5 claro, senão não seria um quadrado mágico.

0 À ESQUERDA e tem mais:

(fala muito rápido, impedindo que o público acompanhe o raciocínio)

a soma dos números de qualquer das duas diagonais do quadro é 34.

a soma dos 4 números que ficam nos cantos do quadrado é 34.

a soma dos 4 números das 4 casas centrais é 34.

a soma dos 2 números centrais da linha do alto com os 2 centrais da linha de baixo é 34.

a soma dos 2 números centrais da coluna direita com os 2 centrais da coluna esquerda é 34.

a soma dos números dos dois quadrados contíguos à casa extrema esquerda em cima com aqueles dos dois contíguos à casa extrema direita em baixo é 34.

2-3-5 mandou bem, 0 à esquerda.

0 À ESQUERDA 0 à esquerda é a mãe!

- 1084** ou-ou, calma no brasil!
- 3,14159** depois dessa aula sobre quadrado mágico, eu quero propor um desafio bem mais difícil. talvez seja o problema mais complexo, mais profundo e mais incognoscível de toda a matemática contemporânea.
(*pausa dramática*)
qual é a metade de $2 + 2$?
(*espera as respostas dos parceiros em cena e do público*)
a resposta é... 3.
eu explico: a metade de 2 é 1; então, somando $1 + 2$, o resultado é igual a 3.

CENA 04

- 1084** vocês devem ter reparado que o nome desta peça é “os números e a vida”. pois bem, eu quero dar um exemplo disso usando o baralho.

2-3-5 faz o papel de partner e mostra um baralho para o público.
- 1084** um baralho comum tem 52 cartas, vocês sabem por quê? porque ele foi inspirado no calendário gregoriano.
- O À ESQUERDA** o calendário gregoriano é um calendário solar para a contagem dos anos, meses, semanas e dias que tem como base as estações do ano.
- 3,14159** o calendário gregoriano foi criado na europa em 1582, por iniciativa do papa gregório XIII, com o objetivo de corrigir os erros do calendário anterior, chamado juliano. mesmo assim, o calendário gregoriano tem alguns defeitos, como a irregularidade da duração dos meses, que podem ter entre 28 e 31 dias.
o calendário juliano tinha sido instituído por júlio César, que, dizem alguns, também jogou como goleiro no flamengo. mas ele errava muito. o calendário, não o goleiro. já que não levava em conta o movimento de translação da terra, ou seja, o tempo que a terra demora para circular em volta do sol. a terra e o sol são esferas. já a bola de futebol, como sabemos, é um icosaedro truncado composto por 20 hexágonos e 12 pentágonos, tendo,

portanto, 32 faces e 60 vértices. ela parece esférica porque, em geral, está cheia de ar.

2-3-5 mandou bem, 3,14159.
os números, a vida e o futebol.

3,14159 e tem mais. a palavra “calendário” vem do latim *calendarium*, que significa livro das calendas.
calendas era o livro usado para contar os dias das festividades religiosas marcadas no início de cada mês lunar na roma antiga, antes da introdução do calendário juliano.
o atual calendário é chamado de gregoriano em homenagem ao papa gregório XIII, embora seu criador tenha sido o astrônomo e filósofo italiano Luigi Giglio.

1084 (*mostrando o celular*) internet. (*lendo no celular*)
não por coincidência, o ano tem 52 semanas. também não por coincidência, nós temos quatro estações ao longo do ano. há quem interprete a representação dos naipes da seguinte maneira: ouros são a primavera, paus são o verão, copas são o outono e espadas são o inverno.

durante toda esta cena 2-3-5 vai manuseando o baralho, mostrando para o público as diferentes cartas.

3,14159 e o curinga?

1084 o curinga representa o ano bissexto. a cada quatro anos o mês de fevereiro tem 29 dias, no lugar de 28. isso foi inventado para as contas fecharem.

CENA 03

2-3-5 (*trazendo um flip chart até o centro do palco*) vocês já jogaram sudoku?
aliás, você sabem o que é sudoku?

1084 é aquela luta com dois caras muito gordos.

O À ESQUERDA não, esse é sumoko.

3,14159 sumô!

1084 somou o quê?

2-3-5 gente, sudoku é um tipo de quebra-cabeça que se baseia na concordância racional de números. a palavra é a abreviação da frase em japonês que significa “os números devem ser únicos”.

*mostra uma das folhas do flip chart com as seguintes palavras em japonês: **suuji wa ni kagiru**.*

2-3-5 como o sistema de escrita japonesa é um pouco complicado, nós estamos usando o alfabeto romano, o mesmo que o júlio César usava no flamengo.



2-3-5 aqui está um sudoku. (mostra no flip chart o quadro da esquerda)

5	3			7					5	3	4	6	7	8	9	1	2
6			1	9	5				6	7	2	1	9	5	3	4	8
	9	8					6		1	9	8	3	4	2	5	6	7
8				6				3	8	5	9	7	6	1	4	2	3
4			8		3			1	4	2	6	8	5	3	7	9	1
7				2				6	7	1	3	9	2	4	8	5	6
	6					2	8		9	6	1	5	3	7	2	8	4
			4	1	9			5	2	8	7	4	1	9	6	3	5
				8			7	9	3	4	5	2	8	6	1	7	9

2-3-5 o primeiro sudoku foi publicado no final da década de 1970, em nova york. somente em 2004 foi feita a primeira publicação na Inglaterra. a partir daí ele se espalhou pelo mundo inteiro.

normalmente o jogo é composto por uma grade de 9×9 formada de subgrades de 3×3 , denominadas de regiões. cada região tem 9 células.

certas células já contêm números, chamados de dados. a finalidade do jogo é preencher as células vazias, com um número em cada célula, de forma que cada coluna, linha e região contenham os números de 1 a 9 apenas uma vez.

antes de resolver nosso enigma, é preciso saber que existem três formas de resolver o sudoku:

a) varredura: ocorre quando se varre a grade à procura de quadrículas que possam conter apenas um número.

b) análise: é a avaliação de cada domínio à procura das posições onde cada algarismo de 1 a 9 possa aparecer.

c) emparelhamento: é a análise feita com “olho clínico” para identificar as situações que podem levar à simplificação do problema.

1084 varredura, análise e emparelhamento.

varrer a grade. avaliar cada domínio. simplificar o problema. acho que estas formas de pensar servem para resolver outras coisas além do sudoku.

O À ESQUERDA você tem razão 1084. os números e a vida... a vida e os números...

2-3-5 mostra o quadro da direita, com a resolução do jogo. outra possibilidade é resolver o problema junto com o público, em cena interativa.

O À ESQUERDA vamos fazer um outro exercício?

se for possível, são distribuídos papel e lápis para a plateia. O à esquerda pode usar o flip chart para sua demonstração.

O À ESQUERDA por favor, escolham qualquer número de três algarismos diferentes. agora escrevam este número de trás para frente e subtraiam o menor do maior. agora invertam também esse resultado e façam a soma.

por algum motivo muito estranho, eu acho que a resposta é... 1089.

*se for necessário, deve-se dar um exemplo: $875. 875 - 578 = 297.$
 $297 + 792 = 1089.$ lembrando ao público que sempre devem*

ser usados três dígitos no cálculo, como neste exemplo: 574 .
 $574 - 475 = 099$. $099 + 990 = 1089$.

1084 não é isso que explica o meu nome, não é? o meu nome é 1084 e as tuas contas dão sempre 1089.

O À ESQUERDA é verdade, o teu nome só vai ser explicado no final da peça. é um mistério, lembra?

1084 sei.

CENA 02

3,14159 o formato de um teatro, explicou vitrúvio — o grande arquiteto do renascimento —, deve ser planejado de modo que, de acordo com o comprimento do diâmetro da área mais baixa e partindo de seu centro, um círculo possa ser descrito e, dentro dele, quatro triângulos tangenciando o círculo, como faziam os astrônomos para determinar os doze signos do zodíaco, e isto de acordo com as leis musicais das esferas.

1084 *(mostrando o celular)*
 ele decorou da internet.

3,14159 geometria, matemática, astronomia, música.

O À ESQUERDA e o teatro.

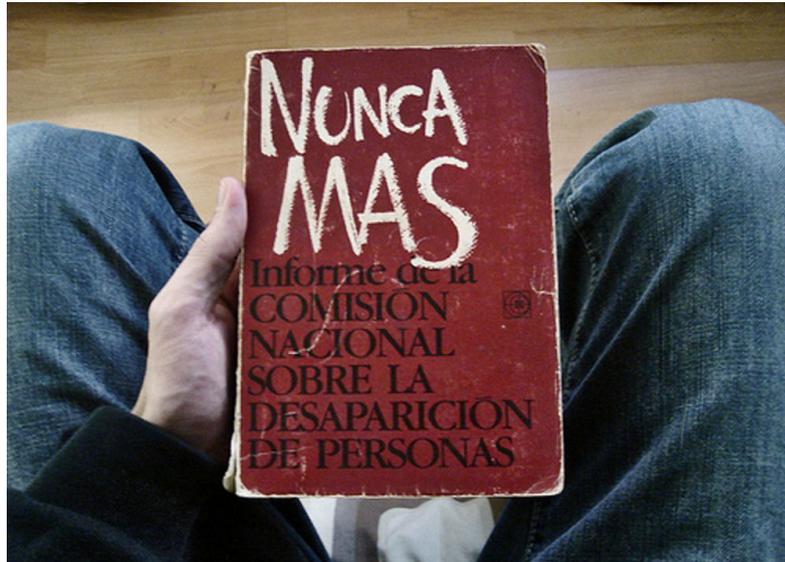
3,14159 o teatro e a vida.
 sim.

O à esquerda retira de uma sacola o livro nunca más, sobre a ditadura argentina, e o entrega para 1084.

O À ESQUERDA isso é para você. mas não é para ficar melancólico, viu?

CENA 01

1084 lê o livro, avança algumas páginas, segue as frases com o dedo. longo silêncio.



1084 este é o livro. *(mostra ao público)*
o livro que meu tio queria me dar de presente quando eu fizesse quinze anos. tá aqui. não precisei nem baixar. *(mostra o celular)*
nunca más. em espanhol.
quer dizer “nunca mais”, em português.
eu ainda não li ele todo. eu gosto mais dos números, mas agora já sei que meu pai trabalhou pra ditadura.
por isso ele foi preso.
ele jogou pessoas vivas no mar, de um avião. ele foi condenado a 1084 anos de prisão.
isso dá mais ou menos 77,42 vezes a minha idade. é por isso que, nessa peça, eu me chamo 1084.
não tem nenhum mistério: não é o número mágico 1089, não faz parte da sequência de fibonacci, não tem relação com o número phi ou com o icosaedro truncado.
não é um número primo. mas faz parte da história. uma história triste, eu sei.
mas a vida, parece, também é assim.

3,14159 sim. a vida é assim.
mas o corpo de espártaco nunca foi encontrado. e ele se multiplica.

1084 cobra-de-vidro.

PRÓLOGO

2-3-5 a palavra “primo”, no caso dos números, se refere a “primeiro”. mas o número “um” não é um número primo, porque ele tem apenas um divisor: ele só pode ser dividido por ele mesmo. e a menor unidade, isso eu descobri no teatro — e redescubro todas as noites em que estamos aqui, representando —, a menor unidade é sempre dois.

eu sei quem eu sou, porque existe um outro, que não sou eu. e esta é quase uma definição de teatro: fingir ser outro para descobrir quem se é, ou para inventar quem se quer ser. e assim descobrir quem são os outros. e quem somos nós, todos, neste mundo que nós inventamos.

1084 talvez por isso o primeiro número primo seja o número dois. e talvez por isso, também, o dois seja o único número primo par.

2-3-5 e o que isso quer dizer?

1084 e o que isso quer dizer?

3,14159 o que é que sobra?

0 À ESQUERDA muito.
sobra muito.
não tem resto.
tem um mundo. um mundo de coisas.

1084 um mundo de números.

2-3-5 um mundo de gente.

0 à esquerda um mundo de mundos.

3,14159 o pi é infinito.

1084 o phi é infinito.

neste momento há uma mudança na iluminação, que deve ficar muito mais intensa.

O à esquerda *(se aproxima da plateia e fala quase num sussurro)*

o dia com seus cuidados e perplexidades terminou e a noite cai agora sobre nós. a noite deveria ser um tempo de paz e tranquilidade, um momento para relaxar e ficar calmo. precisamos de uma história reconfortante para banir os pensamentos perturbadores do dia, para colocar em repouso nossas mentes inquietas e deixar à vontade nossos espíritos desordenados.

e que tipo de história devemos ouvir? ah, uma história familiar, uma história muito, muito antiga e, no entanto, tão nova. a velha, velha história do amor.

dois amantes sentados em um banco de parque, com seus corpos tocando um no outro, de mãos dadas ao luar. houve então um silêncio entre eles. tão profundo era o amor que sentiam um pelo outro, não precisavam de palavras para expressá-lo.

e eles estavam sentados em silêncio, em um banco de parque, com seus corpos se tocando, segurando as mãos ao luar. finalmente um deles perguntou: “você me ama?”. “você sabe que eu te amo.” “eu te amo mais do que a língua pode dizer. você é a luz da minha vida, meu sol, lua e estrelas. você é tudo para mim. sem você eu não tenho razão de existir.” mais uma vez houve silêncio enquanto os dois amantes estavam sentados em um banco do parque, seus corpos se tocando, segurando as mãos ao luar. mais uma vez um deles perguntou. “quanto você me ama?” “quanto eu te amo? conte as estrelas no céu. meça as águas dos oceanos com uma colher de chá. numere os grãos de areia na praia. impossível, você diz. sim, isso é tão impossível como eu dizer o quanto eu te amo.”

“meu amor por você é mais alto que o céu, mais profundo que o hades e mais amplo que a terra. não tem limites. não tem fronteiras. tudo deve ter um final, exceto meu amor por você.” houve mais um silêncio enquanto os dois amantes estavam sentados em um banco de parque com seus corpos se tocando, segurando as mãos ao luar. mais uma vez ouviu-se uma voz. “me beije.” eles se inclinaram e seus lábios calorosamente se tocaram em fervoroso ósculo.

1084 (mostrando o celular) samuel johnson.

TODOS JUNTOS $1 + 1 = 11$

FIM!

NOTA

os números e a vida é um texto teatral que parte de referências factuais, algumas pouco conhecidas. 1084 é, de fato, o número de anos a que foi condenado, na espanha, o ex-militar argentino adolfo scilingo, réu confesso de crimes contra a humanidade cometidos durante a última ditadura civil-militar argentina (1976-1983). ele admitiu a participação em dezenas de assassinatos nos chamados “voos da morte”.

todas as referências, curiosidades e jogos matemáticos são reais, eles podem ser encontrados em diversas fontes, reflexões de caráter conceitual ou filosófico são de responsabilidade do autor.

o texto procura fazer associações entre eventuais comportamentos dos adolescentes (uso de tecnologias digitais, um certo solipsismo, questionamentos existenciais, inconformismo político) e realidades matemáticas. é uma forma lúdica de tratar ambos os temas, ao mesmo tempo que ambiciona revelar aspectos da vida social.

é perceptível que o texto procura mostrar mecanismos de funcionamento do próprio teatro. o procedimento, formal e de conteúdo, tem relação com o gosto pela descoberta e a excitação da aventura, típicos da adolescência. neste sentido, montar os números e a vida deveria ser como desmontar uma máquina, e assim desvendar seus mistérios.

